

JÉSSICA LEITE SERRANO

**PRÁTICAS CORPORAIS E TRANSEXUALIDADE: ESTUDO DE
HOMENS E MULHERES TRANS**

João Pessoa, 2017

JÉSSICA LEITE SERRANO

**PRÁTICAS CORPORAIS E TRANSEXUALIDADE: ESTUDO DE
HOMENS E MULHERES TRANS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
Associado de Pós-Graduação em Educação Física
UPE/UFPB como requisito à obtenção do título de
Mestre.

Área de Concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano

Orientador: Prof. Dr. Iraquitán de Oliveira Caminha

João Pessoa, 2017

S487p Serrano, Jéssica Leite.

Práticas corporais e transexualidade: estudo de homens e mulheres trans / Jéssica Leite Serrano.- João Pessoa, 2017.

95 f. : il.-

Orientador: Prof^o. Dr^o. Iraquitán de Oliveira Caminha.
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCS

1. Exercícios Físicos. 2. Educação Física. 3. Transexualismo.
4. Corpo. I. Título.

UFPB/BC

CDU – 796(043)

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UPE-UFPB
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A Dissertação **Práticas Corporais e Transexualidade: Estudo de Homens e Mulheres Trans.**

Elaborada por Jéssica Leite Serrano

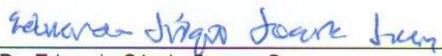
Foi julgada pelos membros da Comissão Examinadora e aprovada para obtenção do título de MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA na Área de Concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano.

Data: 21 de fevereiro de 2017


Prof. Dr. Alexandre Sérgio Silva
Coordenador - UFPB

BANCA EXAMINADORA:


Profa. Dra. Clara Maria Silvestre Monteiro de Freitas
UPE - titular


Prof. Dr. Eduardo Sérgio Soares Sousa
UFPB – titular


Profa. Dra. Maria Dilma Simões Brasileiro
UFPB – titular

“E disse Davi a Salomão seu filho: Esforça-te e tem bom ânimo, e faze a obra; não temas, nem te apavores; porque o Senhor Deus, meu Deus, há de ser contigo; não te deixará, nem te desampará, até que acabes toda a obra do serviço da casa do Senhor” (Crônicas 28:20).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, de forma especial, ao meu Deus, por tantas bênçãos e por sua imensa misericórdia em minha vida! Obrigada por me guiar nessa jornada e me capacitar dia após dia para vencer as etapas.

Agradeço a minha Mãe, a Mãe do amor, Nossa Senhora, por todo cuidado, intercessão, carinho e proteção que sempre se fizeram presentes ao longo das estradas da minha vida.

Aos meus pais, Maria e Cassiano, por tanta doação, abdicção e amor. Obrigada por me apoiarem em todas as minhas jornadas. Amo vocês infinitamente.

Ao meu esposo, Diego, por acreditar na minha capacidade, até mais do que eu, e me incentivar a prosseguir sempre. Amo você profundamente!

Ao meu irmão, Júnior, por ser a certeza de um porto seguro! Amo você.

Ao meu orientador, Professor Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha, por ser um exemplo de cidadão, de profissional e de pai de família, me inspirando sempre a crescer em todos esses segmentos da minha vida. A você meu querido mestre, meu mais profundo agradecimento.

A querida amiga, Isabelle Sena, por acreditar em mim e nunca medir esforços para me ajudar a seguir nessa longa estrada da vida acadêmica.

A todos os meus familiares, em especial a minha Tia Zélia, a minha avó Nina e a minha prima Viviane (*in memoriam*), por todos os incentivos e aplausos, mesmo nos dias mais difíceis.

Aos meus queridos amigos, em especial os companheiros desta jornada, por todas as idas e vindas a Recife, sempre com alegria e incentivo mútuo.

Ao Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física UFPB/UPE. Aos docentes pela contribuição na minha formação e a Ricardo por toda disponibilidade e empenho, meu muito obrigada!

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo auxílio da bolsa.

Aos professores componentes da Banca, obrigada pela disponibilidade e pelas contribuições significativas na construção desse trabalho.

RESUMO

PRÁTICAS CORPORAIS E TRANSEXUALIDADE: ESTUDO DE HOMENS E MULHERES TRANS

Autora: Jéssica Leite Serrano

Orientador: Prof. Dr. Iraquitã de Oliveira Caminha

As discussões sobre gênero vêm se ampliando e ganhando consistência nos últimos anos. A transexualidade, de maneira específica, vem sendo tema de debates e produção de estudos dentro e fora de espaços acadêmicos. As pessoas transexuais são reconhecidas por buscarem transformar seus corpos segundo a identidade de gênero a qual elas se sentem pertencentes. As atividades físicas podem ser consideradas recursos que possibilitam essas transformações. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é compreender e analisar se as atividades físicas são recursos utilizados por pessoas transexuais ao longo do processo de mudanças corporais para construir um corpo segundo as características do gênero o qual elas se identificam. Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa exploratória e adotou uma perspectiva interpretativa fenomenológica. Os sujeitos sociais da pesquisa foram oito homens trans e dez mulheres trans que recebiam atendimento no Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais, localizado no anexo do Hospital Clementino Fraga na cidade de João Pessoa-PB. A fim de levantar elementos de análise para o estudo, utilizamos a entrevista do tipo semi-estruturada e um questionário socioeconômico para ter uma visão geral do grupo entrevistado. Para a análise das falas obtidas, utilizamos a análise fenomenológica, proposta de Bicudo (2011), que busca evidenciar os sentidos, efetuar sínteses de unidades de significado, bem como analisar as falas através de categorias de análise. A presente investigação conduziu a construção de três artigos originais. O primeiro possui o objetivo de analisar a relação dos homens trans com as atividades físicas no processo de “masculinização”. Os resultados revelaram que os entrevistados fazem uso das atividades físicas em busca do ganho de massa corporal e definição muscular, aspectos que na visão dos entrevistados remetem a um corpo masculino reforçando não apenas a sua masculinidade, mas ajudando na construção da sua identidade sexual. O segundo artigo teve o objetivo de discutir a relação entre formas de moldar o corpo, com ênfase nas atividades físicas, adotadas por mulheres transexuais e o processo de “conquista” do corpo feminino. Os resultados apontam que as entrevistadas que praticam atividade física buscam o ganho de massa corporal na região dos glúteos e nas pernas e a definição do abdômen. Já as que não fazem atividade física, alegam ter medo de masculinizar o corpo e/ou não frequentar academias em virtude de preconceitos sofridos. O terceiro buscou analisar o sofrimento das pessoas transexuais durante a prática de atividades físicas ou esportivas. Os resultados demonstram que as pessoas entrevistadas sofrem ou já sofreram algum tipo de discriminação dentro de espaços que oferecem atividades físicas e/ou durante a prática de atividades físicas, bem como em competições esportivas. Tal discriminação aparece no estudo como motivo, em muitas ocasiões, para o abandono dessas práticas.

Palavras-chave: Transexualidade; Atividade Física; Corpo.

ABSTRACT

BODY PRACTICES AND TRANSEXUALITY: A STUDY OF TRANS MEN AND TRANS WOMEN

Author: Jéssica Leite Serrano

Mentor: Prof^o Dr^o. Iraquitan de Oliveira Caminha

Discussions about gender have been expanding and achieving consistency in the last years. Transsexuality, in a specific way, has been the subject of debates and production of studies inside and outside of the academic areas. Transgender people are recognized for seeking to transform their bodies according to their gender identity, the one that they feel they belong to. Physical activities can be considered as resources that help these transformations. In this sense, the objective of this study is to understand and analyze whether physical activities are resources used by transsexual people during the process of body changing to build a body, according to the characteristics of the gender they have identification. This research is characterized as a qualitative exploratory one and we adopted a phenomenological interpretive perspective to do this. The social beings of this research were eight trans men and ten trans women who were attended by the Total Health Care Ambulatory for Transvestites and Transsexuals, located in the annex of The Clementino Fraga Hospital in João Pessoa - PB. In order to have elements of analysis to this study, we used a semi-structured interview and a socioeconomic questionnaire to have an overview of the group interviewed. To analyze the speeches we got, we used the phenomenological analysis, proposed by Bicudo (2011), which seeks to emphasize the senses, to perform syntheses of units of meaning and to analyze the speeches through categories of analysis as well. The present investigation led to the construction of three original articles. The first one has as objective to analyze the relationship of trans men with physical activities in the process of "masculinization". The results showed us that the interviewees do physical activities searching for body mass gain and muscle definition, aspects that according the interviewees' point of view, refer to a masculine body, reinforcing not only their masculinity, but also helping them to build their sexual identity. The second article had as objective to discuss the relationship between forms of body shape, emphasizing physical activities adopted by transsexual women and the process of "achieving" the female body. The results indicate that the interviewees who practice physical activity are looking for the gain of body mass in the gluteal region and in the legs, and also the definition of the abdomen. Those who do not do physical activity, say that they are afraid of masculinizing the body and / or not attending fitness centers because of the prejudices they suffer. The third one analyzed the suffering of transsexual people during the practice of physical or sports activities. The results show that the peoples interviewees suffer or have already suffered some kind of discrimination in the spaces that offer physical activities and / or during physical activities, and in sports competitions as well. This kind of discrimination appears in this study as the reason, in many occasions, for abandoning these practices.

Keywords: Transsexuality. Physical activity. Body.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Justificativa	11
1.2 Objetivos	12
1.2.1 Objetivo Geral.....	12
1.2.2 Objetivos Específicos	12
1.2.3 Organização da Dissertação.....	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 Transexualidade e Educação Física: Uma Revisão Sistemática em Periódicos das Ciências da Saúde	14
3. METODOLOGIA	33
3.1 Delineamentos do estudo	33
3.2 Local da Pesquisa	34
3.3 População e Amostra	34
3.4 Instrumentos de coleta dos dados	35
3.5 Análise dos dados	35
3.6 Considerações Éticas	35
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	37
4.1 Artigo 1 - Homens Trans e Atividades Físicas: A construção do corpo masculino	37
Resumo	37
Abstract.....	37
4.1.1 Introdução	38
4.1.2 Percurso Metodológico	40
4.1.3 Resultados e Discussão	41
4.1.4 Conclusão	47
4.2 Artigo 2 – Mulheres Trans e Atividades Físicas: Conquistando o corpo feminino	50
Resumo	50
Abstract.....	50
4.2.1 Introdução	51
4.2.2 Percurso Metodológico	53
4.2.3 Resultados e Discussão	55
4.2.4 Conclusão	61
4.3 Artigo 3- Esporte, Atividade Física e Transfobia	64
Resumo	65
Abstract.....	65
4.3.1 Introdução	66
4.3.2 Percurso Metodológico	68
4.3.3 Resultados e Discussões	69
4.3.4 Conclusão	75

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	80
ANEXOS	86
APÊNDICE.....	88

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos muitos estudos vêm abordando a temática do gênero. Entretanto, não existe hoje um conceito único aceito universalmente no mundo acadêmico e nos ativismos políticos sobre o que é gênero (BENTO, 2012). Todavia, existem duas linhas de pensamento que são bastante recorrentes em estudos que abordam essa temática.

A primeira linha advém da teoria *queer* que significa “esquisito, ridículo, estranho, adoentado, veado, bicha, louca, homossexual” (BENTO, 2012, p.2660). Essa teoria se opõe a “qualquer tentativa de gravar as identidades sexuais e de gênero como se fossem pedras, fixas” (BENTO, 2014, p. 101). Para a teoria *queer* não existe uma identidade fixa, existe a possibilidade de trânsito entre as identidades, os corpos e os gêneros, se fundamentando na pluralidade (BENTO, 2014).

Já a segunda linha, defende que existem duas categorias de diferenciação humana, o sexo, que divide os seres humanos em machos e fêmeas, e o gênero, que divide os seres humanos em masculinos e femininos. Nesta visão, o sexo é biológico e independe da vontade da pessoa, já o gênero, é uma construção social que se dá a partir da vivência, da cultura e das relações com a sociedade. Desta maneira, o macho não está obrigatoriamente ligado ao masculino, bem como o fêmea ao feminino. Para Goellner e Figueira (2002), o gênero possibilita a reflexão sobre a maneira de construir a identidade sexual, demonstrando que as diferenças entre homens e mulheres não se restringem ao sexo biológico, mas ao contexto social, histórico e cultural, colocando em cheque a existência de um determinismo biológico que considera que as diferenças do corpo são responsáveis pelos papéis a serem desempenhados pelos sexos.

O gênero vem sendo frequentemente utilizado para referenciar a construção social que distingue masculino e feminino, inclusive as diferenças entre corpos “masculinos” e “femininos”. Este uso apareceu após a percepção de que sociedade forma além da personalidade e do comportamento, as maneiras de aparição dos corpos (NICHOLSON, 2000). Considerar a construção da identidade do gênero nos leva a pensar sobre a construção dos corpos, que podem ser masculinos ou femininos independentes da sua condição biológica. Para Novaes (2010, p.34 e 35):

A ética da disciplina corpórea apresenta-se como um aspecto fundamental de coação social, na medida em que define não só as insígnias de cada gênero como também engendra a distinção entre identidade sexual e sexo biológico.

A partir da busca por uma autonomia na construção de uma identidade de gênero definida pelo corpo, o sujeito passa a ser o autor das mudanças corpóreas que visam uma expressão singular do gênero escolhido. Para Le Breton (2013), o corpo é um símbolo visual para criar as especificidades do homem e da mulher ou revolucionar esses estereótipos. Nesse sentido, ao longo dos anos foram sendo criados e transformados diversos dispositivos que auxiliam na construção/remodelação do corpo. Para Novaes (2010, p.36), “os avanços tecnocientíficos e o desenvolvimento da nova medicina colocaram em questão, desde a segunda metade do século XX, aspectos da condição humana que pareciam intangíveis.” Tais avanços proporcionam ao sujeito “personalizar-se” de acordo com suas vontades, desejos e sentimentos, fazendo com que o corpo se adeque a identidade adotada.

Existem múltiplos procedimentos que auxiliam na personalização do corpo, desde os mais simples aos mais complexos. Estes procedimentos vão da tatuagem e do piercing às atividades físicas e cirurgias estéticas.

Nesse contexto de mudanças corporais, um grupo específico é conhecido e caracterizado por buscar realizar diversas mudanças corporais, desde as mais simples as mais complexas, as pessoas transexuais. Podemos compreender a pessoa transexual como um indivíduo que não se sente pertencente às normas estabelecidas para o sexo e o gênero, não havendo a coerência esperada entre essas duas categorias, ou seja: macho-masculino e mulher-feminino. Segundo Arán (2006, p.50), “nas diversas teorias que abordam esta questão parece haver um aspecto consensual: o de que na transexualidade haveria uma incoerência entre sexo e gênero”.

A partir dessa falta de “coerência” entre o sexo e o gênero que possui, as pessoas transexuais buscam maneiras de modificar seus corpos a fim de alcançar a seu modo a coerência que deseja, para isso recorrem a diversos procedimentos.

Um grupo específico desses procedimentos desperta o interesse desse estudo, as atividades físicas. Inicialmente, na elaboração do projeto, decidimos utilizar o termo “práticas corporais” por acreditar que essa terminologia seja a que mais se aproxime dos estudos socioculturais, todavia, ao longo das entrevistas,

percebemos que a terminologia utilizada pelos entrevistados foi “atividade física”. Essas duas terminologias dentro do estudo podem ser consideradas sinônimas, pois foram utilizadas com o mesmo objetivo, são identificadas como práticas corporais em que se usam exercícios para produzir o design corporal de um gênero com o qual se identifica.

Deste modo, queremos compreender e analisar como atividades físicas são recursos utilizados por pessoas transexuais ao longo do processo de mudanças corporais para construir um corpo segundo as características do gênero com o qual elas se identificam?

1.1 JUSTIFICATIVA

A opção por estudar o universo transexual se deu a partir do entendimento de que as atividades físicas não são realizadas apenas para atender as necessidades biológicas, mas são também expressões socioculturais. Tendo em vista que o corpo também pode ser analisado pela perspectiva cultural a partir da possibilidade de a cultura marcar os corpos. Nesse contexto, acreditamos que as pessoas transexuais podem fazer uso das atividades físicas para construírem um corpo desejado, que transcendem as questões de natureza biológica ligadas aos aspectos físicos e da saúde corporal.

O tema da transexualidade está presente em todas as camadas da sociedade e a cada dia ganha maior visibilidade e espaço, em especial no meio acadêmico. Nesse sentido, faz-se necessário que a Educação Física se apodere e realize estudos que envolvam essa temática em atual evidência usando como referência e apoio ciências que já desenvolvem estudos nessa área, como a sociologia e a antropologia. Essa necessidade é reforçada quando órgãos importantes para a Educação Física, como o COI (Comitê Olímpico Internacional) colocaram as necessidades das pessoas transexuais no âmbito esportivo em pauta, desta maneira, não se pode mais omitir a importância da realização de estudos com pessoas transexuais na Educação Física.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral:

Compreender e analisar como as atividades físicas são recursos utilizados por pessoas transexuais ao longo do processo de mudanças corporais para construir um corpo segundo as características do gênero com o qual elas se identificam.

1.2.2 Objetivos Específicos:

- Identificar e discutir temáticas que envolvem o universo transexual e apontar possíveis interfaces com o campo da Educação Física.
- Analisar a relação dos homens trans com as atividades físicas no processo de “masculinização”.
- Discutir a relação entre formas de moldar o corpo, com ênfase nas atividades físicas, adotadas por mulheres transexuais e o processo de “conquista” do corpo feminino.
- Analisar o sofrimento das pessoas transexuais durante a prática de atividades físicas ou esportivas

1.2.3 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está organizada em quatro artigos científicos. Primeiramente será apresentada uma revisão sistemática feita nos periódicos das ciências da saúde onde identificamos a ausência de estudos que façam aproximações entre a educação física e as pessoas transexuais. Em seguida serão apresentados três artigos originais resultantes da pesquisa de campo. Dentre os artigos aqui apresentados, o artigo de revisão sistemática foi submetido a um periódico científico na área da educação física. Para facilitar a compreensão da organização segue a figura abaixo:

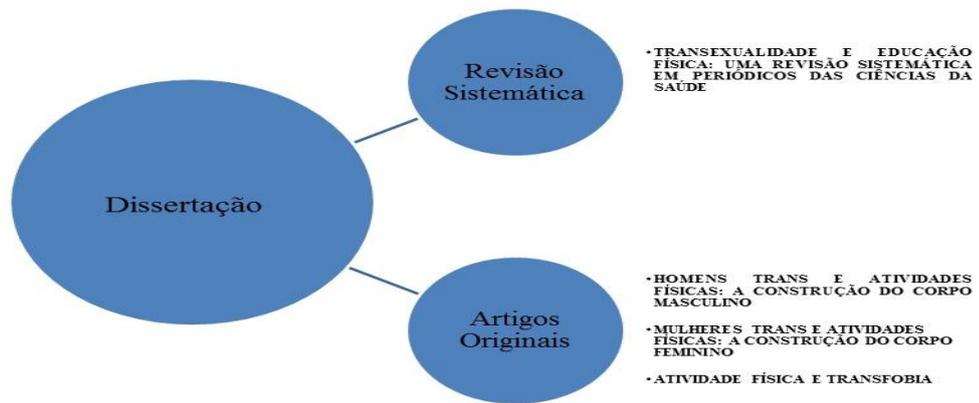


Figura 1- Relação dos artigos desenvolvidos na dissertação

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1- TRANSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA EM PERIÓDICOS DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE

Artigo submetido a Revista Movimento da Escola de educação Física UFRGS em 19 de maio de 2016. Formatado de acordo com as normas da revista.

TRANSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA EM PERIÓDICOS DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE

TRANSSEXUALITY AND PHYSICAL EDUCATION: A SYSTEMATIC REVIEW IN HEALTH SCIENCE JOURNALS

TRANSEXUALIDAD Y EDUCACIÓN FÍSICA: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA EN PERIÓDICOS DE LAS CIENCIAS DE LA SALUD

Resumo: Este estudo buscou identificar e discutir temáticas que envolvem o universo transexual e apontar possíveis interfaces com o campo da Educação Física. Foram analisados vinte e nove artigos (2005-2015) indexados na Biblioteca Virtual em Saúde e nas bases: LiLACS, IBECs, MEDLINE, Biblioteca Cochrane e Scielo. Verificou-se a predominância de estudos que tratam a transexualidade como patologia, um tímido crescimento de produções que analisam essa temática de forma mais holística nas ciências da saúde e que apesar disso nenhum artigo faz interface direta com a Educação Física, revelando um campo profícuo de estudo.

Palavras-chave: Transexualidade. Revisão Sistemática. Ciências da Saúde. Educação Física.

Abstract: This study sought to identify and discuss issues involving transsexual universe and to identify possible interfaces with the field of Physical Education. Twenty-nine articles (2005-2015) indexed in the Virtual Health Library and the bases: LiLACS, IBECs, MEDLINE, Cochrane Library and Scielo, were analyzed. The predominance of studies dealing with transsexuality as a pathology was observed, as well as a timid growth of productions that examine this issue more holistically in the health sciences and there are no articles making direct interface with Physical Education, revealing a fruitful field of study.

Keywords: Transsexuality. Systematic review. Health Sciences. Physical Education.

Resumen: Este estudio buscó identificar y discutir temas que relacionan el universo transexual e identificar posibles interfaces con el campo de la Educación Física. Fueron analizados 29 artículos (2005-2015) indexados en la Biblioteca Virtual en Salud, y en las bases: LILACS, IBECs, MEDLINE, Biblioteca Cochrane y Scielo. Se

verificó el predominio de estudios que tratan la transexualidad como patología, un tímido crecimiento de producciones que analizan a esa temática de forma más holística en las ciencias de la salud y a pesar de eso ningún artículo hace interfaz directa con la Educación Física, revelando un campo rentable de estudio.

Palabras clave: Transexualidad. Revisión Sistemática. Ciencias de la Salud. Educación Física.

INTRODUÇÃO

A compreensão do termo transexual se dá basicamente em duas vertentes, a das ciências da saúde/biológicas e a social. Para a primeira os transexuais são pessoas acometidas pela disforia de gênero; a não conformidade entre sexo biológico e gênero (ARÁN, 2006; CASTEL, 2001). Para a segunda, a transexualidade também surge como uma questão identitária. Na opinião de Bento (2006), a visão sociológica se confronta com a das ciências da saúde/biológicas, que caracteriza a transexualidade como uma doença mental relacionando-a ao campo da sexualidade e não do gênero.

Apesar da diferença nas abordagens há um consenso: a pessoa transexual está insatisfeita com algumas das suas condicionantes biológicas e busca alternativas para manter em equilíbrio o que deseja ser e o que é. Essa busca se estabelece em virtude da gramática normativa de gênero, que é fundada em uma matriz binária heterossexual. Ressalta-se neste ponto a força compulsória da heteronormatividade para determinar posições sociais para aqueles(as) que vivenciam outras sexualidades e expressões de gênero (PETRY; MEYER, 2011).

A transexualidade é um fenômeno complexo que possui várias possibilidades de estudos e intervenções. Por volta de 1950 foram publicados os primeiros estudos que “registraram e defenderam a especificidade do ‘fenômeno transexual’” (BENTO; PELÚCIO, 2012, p.570). Desde então, a literatura para estudos na área ganhou terreno e consistência. De acordo com Bento (2014) o descortinar de saberes em torno da existência das pessoas trans começou a acontecer em meados do século XX. Para Santos (2010) ela é um dispositivo biopolítico que, produzido em determinado momento histórico, ajuda na sustentação de determinados regimes de verdade.

O interesse deste estudo pela interface entre o universo transexual e Educação Física deu-se a partir da observação de casos como o de Tereza Brant,

homem trans que revelou em vários portais *online* seu gosto pelos exercícios físicos para manutenção do peso e da massa muscular¹. Seu relato sugere que o exercício físico não se limita ao controle dos processos biológicos, mas que também pode influenciar na construção da identidade. Além disso, que ele pode servir como instrumento para o alcance de preferências e características físicas idealizadas, que podem ter relação com a criação e/ou reprodução de estereótipos construídos culturalmente. No entanto, Silva e César (2014) ressaltam que conceituações importadas dos estudos de gênero encabeçados por autores como Butler, Scott e Haraway não podem ser operacionalizados na Educação Física sem reflexões mais aprofundadas.

Considerando a hipótese supracitada, este estudo buscou em um primeiro momento periódicos na área da saúde que ajudassem a esclarecer se o exercício físico tem sido utilizado por pessoas trans como instrumento de intervenção sobre o corpo. Em outros termos, descrições ou relatos de processos de masculinização ou feminização dos corpos trans viabilizados não só pela medicina, mas também pelo exercício físico. Com esse objetivo, foi realizada uma busca nas mesmas bases desta pesquisa, com os descritores “educação física”, “exercício físico”, “atividade física”, “corpo”, “práticas corporais”, “transexual” e “transexuais”; e os operadores “and” e/ou “or”. Contudo, apesar das combinações, os artigos encontrados não responderam ao objetivo da pesquisa. Desta forma, verificou-se a carência de pesquisas relacionando transexuais e exercício físico.

Para Nunes e Saraiva (2010) a Educação Física ainda não consolidou seus estudos dentro das temáticas de gênero, apesar da sua necessidade de dialogar com todos os segmentos sociais e da importância que esses estudos vêm assumindo no meio acadêmico. Reforçando este argumento, enquanto pesquisadores da área de gênero já tocaram na questão da participação de transexuais em Olimpíadas, estudos na área da Educação Física ainda são recentes e escassos (CAVANAGH; SYKES; LAMAS, 2009; LESSA; VOTRE, 2013; SILVA; CÉSAR, 2014).

Atento aos debates sobre o tema, no dia 24 de janeiro do corrente ano, o COI (Comitê Olímpico Internacional) divulgou um documento com diretrizes para participação de pessoas transexuais sem transgenitalização em competições

¹ Ver a matéria de Luciana Tecidio para o site Ego: “Tereza Brant diz que ainda não fez sexo após a retirada dos seios” (10 set. 2015).

esportivas (*transgender guidelines*) a partir dos jogos Olímpicos do Rio de Janeiro². O objetivo seria incluir pessoas trans em competições, considerando índices aceitáveis para a participação (como nível de testosterona), sem que necessariamente tenham que passar pelo processo de transgenitalização. Pensando nisso, este estudo busca colaborar com as discussões sobre a temática da transexualidade e sua relação com a Educação Física.

Por não conseguir obter êxito em encontrar publicações nacionais que realizassem interface entre Educação Física ou exercício físico e transexualidade, este estudo se deteve ao objetivo de identificar e analisar artigos acadêmicos nas ciências da saúde, especificamente na BVS, nos últimos dez anos, envolvendo o universo transexual e suas respectivas temáticas (separadas aqui em quatro categorias de análise).

PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo é caracterizado como revisão sistemática (de natureza qualitativa), compreendida por Sampaio e Mancini (2007) como uma pesquisa que emprega dados da literatura; no entanto, diferindo da revisão bibliográfica, prioriza-se a síntese criteriosa. A versatilidade da revisão sistemática possibilita que sejam realizadas pesquisas pelas óticas qualitativa e quantitativa e “os resultados podem ser expostos na forma de conclusão, análise ou síntese” (GOMES; CAMINHA, 2014, p. 398).

Para a realização da pesquisa foram seguidas as seguintes etapas: definição dos descritores e bases de dados; garimpagem das publicações; leitura dos títulos e resumos; primeira reunião de consenso; exclusão dos artigos cujo resumo distanciava-se da temática; aplicação do teste de relevância e qualidade das pesquisas; leitura do texto completo; segunda reunião de consenso; inclusão/exclusão definitiva; extração, síntese e interpretação dos textos; redação do texto final (GOMES; CAMINHA, 2014).

A base de dados selecionada foi a BVS, com as seguintes bases indexadas: LiLACS, IBECs, MEDLINE, Biblioteca Cochrane e Scielo. Os descritores utilizados para o garimpo dos textos foram: “transexual”, “transexuais”, “transexualidade” e “transexualismo”. Os critérios do teste de relevância para inclusão dos textos foram:

² Desde 2004 atletas com cirurgia pré-puberdade estavam incluídos

disponibilidade de texto completo em português; publicação entre 2005 e 2015 em periódico de classificação B2 ou superior (interdisciplinar) no *webqualis*; ser artigo original (excluem-se teses, dissertações e estudos secundários). Foram incluídos na primeira análise apenas os estudos que contemplaram todas as exigências.

A etapa seguinte envolveu inicialmente a leitura dos resumos (n= 39), seguida da leitura dos textos completos e por fim a reunião de consenso para inclusão/exclusão definitiva. Foram excluídos artigos que fugiam da temática e/ou não contemplaram a proposta do estudo. A busca resultou em um *corpus* composto por vinte e nove artigos, que foi dividido em quatro categorias que emergiram dos próprios estudos, as quais foram analisadas de forma conjunta e tendo como pano de fundo os estudos de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os artigos incluídos neste estudo (quadro 1) foram publicados em 18 periódicos distintos. No que se refere aos periódicos, apenas 2 (Paidéia e Textos e Contextos) não possuem títulos que remetem diretamente a associações de estudos que fazem relações com os aspectos da saúde, seja ela física ou psíquica. Fazendo uma associação com a Educação Física, apenas 2 periódicos possuem qualis para a área de Educação Física, Textos e Contextos (B3) e Ciência e Saúde Coletiva (B1).

O período de tempo para publicação proposto no presente estudo foi de 10 anos, entre 2005 e 2015, todavia nenhum estudo foi publicado no ano de limite inferior de tempo e, apenas 6 estudos foram publicados antes de 2010, nota-se assim que se tratam de estudos recentes. No que se refere às temáticas, foi registrada uma distribuição dos trabalhos entre três abordagens principais: aspectos relacionados à saúde, movimento LGBT e aspectos individuais.

Quadro1- Artigos incluídos

Referências	TÍTULO
1-Silva e Oliveira (2011)	Transexualidade/travestilidade na literatura brasileira: sentidos e significado
2-Santos, Shimizu e Hamanm-Merchan (2014)	Processo de formação das representações sociais sobre transexualidade dos profissionais de saúde: possíveis caminhos para superação do preconceito.
3-Borba (2014)	Sobre os obstáculos discursivos para a atenção integral e humanizada à saúde de pessoas transexuais.
4-Carvalho (2011)	A (im)possível pureza: medicalização e militância na experiência de travesti transexuais.
5-Freire et al (2013)	A clínica em movimento na saúde de TTTS: caminho para materialização do SUS entre travestis, transexuais e transgêneros.
6-Almeida e Murta (2013)	Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil.
7-Almeida e Murta (2009)	Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde.
8-Almeida, Murta e Lion (2009)	Transexualidade e saúde pública no Brasil.
9-Aran, Zaidhaft e Murta (2008)	Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva.

10-Barbosa (2013)	“Doidas e putas”: usos das categorias travesti e transexual.
11-Bento (2012)	Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova.
12-Carvalho e Carrara (2013)	Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil.
13-Franco et al (2010)	Transgenitalização masculino / feminino: experiência do Hospital Universitário da UFRJ.
14-Giongo, Menegotto e Petters (2012)	Travestis e Transexuais Profissionais do Sexo: Implicações da Psicologia.
15-Jesus (2013)	Alegria momentânea: paradas do orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.
16-Lionço (2009)	Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transsexualizado do SUS: avanços, impasses, desafios.
17-Lionço (2008)	Que Direito à Saúde para a População GLBT? Considerando Direitos Humanos, Sexuais e Reprodutivos em Busca da Integralidade e da Equidade.
18-Matão et al (2010)	Representações sociais da transexualidade: perspectiva dos acadêmicos de enfermagem e medicina.
19-Mello et al (2011)	Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade.
20-Noletto (2014)	“Brilham estrelas de São João!”: notas sobre os concursos de “Miss Caipira Gay” e “Miss Caipira Mix” em Belém (PA).
21-Peres e Toledo (2011)	Dissidências Existenciais de Gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder.

22-Petry e Meyer (2011)	Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa
23-Rinaldi (2011)	O corpo estranho*.
24-Rodrigues e Heilborn (2014)	Construindo Vera Cruz e desconstruindo gênero: aproximações entre Pedro Almodóvar e Judith Butler.
25-Sampaio e Coelho (2012)	Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde.
26-Santos (2010)	Tensões e desafios: LGBTs e o poder público?
27-Soares et al (2011)	O apoio da rede social a transexuais femininas.
28-Teixeira (2006)	Mudar de sexo: uma prerrogativa transexualista.
29-Ventura e Schramm (2008)	Limites e possibilidades do exercício da autonomia nas práticas terapêuticas de modificação corporal e alteração da identidade sexual.

Fonte: Dados do Estudo

A partir da leitura sistemática do conteúdo dos artigos, quatro categorias foram elaboradas para análise: (1) construção sócio-histórica da transexualidade – abordando os descritores temáticos: marcadores sociais da diferença, heteronormatividade e corpo, profissionais do sexo, bioética e história; (2) Políticas de saúde – abordando os temas de despatologização, medicalização, políticas públicas, patologização, transgenitalização, diagnóstico e sintoma; (3) Militância - abordando desconstrução/discurso normativo e direitos humanos; e (4) Questões de identidade de gênero – abordando não pertencimento, apoio social, família, performance e saúde mental.

Categoria (1) Construção sócio-histórica da transexualidade

As primeiras cirurgias de transgenitalização ocorreram a partir do ano de 1920 em pessoas hermafroditas (que nasceram com genitálias masculinas e femininas). Apenas em 1966, a partir dos estudos de Harry Benjamin (1885-1986), que o conceito de transexualismo foi criado com o intuito de descrever o fenômeno transexual (ARÁN, 2006). Para Benjamin, a pessoa transexual não tem uma concordância entre os sexos e os seus componentes psicossociais e biomorfológicos, acreditando que o melhor tratamento para o transexualismo é o hormonal e o cirúrgico (PERELSON, 2011).

Estudos desenvolvidos por Arán (2006) e Lionço (2009) associam o surgimento das categorias de gênero, entre elas a de transexual, ao sistema heteronormativo que há anos se formalizou através do discurso médico e estabeleceu as regras do que é considerado normal ou não, do que é masculino e do que é feminino, do que é saúde e do que é doença. Através da cientificidade dos saberes médicos eles adquiriram maior credibilidade para explicar os motivos que levam uma pessoa a ser transexual (ALMEIDA; MURTA, 2013).

Em virtude disto, a transexualidade se constituiu e se encontra até hoje atrelada aos aspectos médicos, biológicos e patologizantes, começando pelo próprio termo “transexualismo”, recorrente em muitos artigos em que o sufixo “ismo” denota relação com doença. O transexualismo é um transtorno em que não existe coerência entre o sexo e o gênero e a solução é a cirurgia de mudança de sexo associada ao uso de hormônios (TEIXEIRA, 2006; SAMPAIO; COELHO, 2012). Esta definição é recorrente nos artigos encontrados, mostrando que a transexualidade ainda é associada a doença.

Observou-se que transexual e travesti ainda são categorias confusas entre pessoas leigas e até mesmo especialistas (PERES; TOLEDO, 2011). Isto se dá porque ambos se identificam como sujeitos pertencentes a um gênero que não corresponde com o sexo do nascimento, a diferença é que as pessoas travestis possuem uma ambiguidade sexual na afirmação da sua identidade (LIONÇO, 2009).

Segundo os estudos de Sampaio e Coelho (2012), a pessoa transexual ainda sofre com o estigma da associação à profissão do sexo e agressões transfóbicas, tendo dificuldades também em estabelecer uma carreira de trabalho. A transfobia pode ser compreendida como formas de exclusão e violência contra pessoas que se

expressam sexualmente por da adoção de um gênero de forma divergente da heteronormativa estabelecida e consolidada socialmente (ALMEIDA; MURTA, 2013).

Nos últimos anos, teóricos de outras áreas - como as ciências sociais - buscam compreender esse fenômeno por uma ótica nova (ALMEIDA; MURTA, 2013). O crescimento e a visibilidade dessas novas formas de “expressão e existência” vêm quebrando o binarismo propagado pelas ciências médicas (PERES; TOLEDO, 2011), todavia, no cenário brasileiro ainda predomina a visão patologizada (ALMEIDA; MURTA, 2013).

A transexualidade nasceu no berço patologizante da medicina e hoje alguns dos seus representantes lutam contra essa raiz. Apesar disso, a chave da doença, na qual a transexualidade foi historicamente incluída, e que divide opiniões até mesmo no interior dos atuais grupos militantes, implica em diagnóstico e intervenção médica. A questão suscitada é que esta “doença” também é perpassada por normatizações de caráter político que inclinam-se para a manutenção de relações de saber/poder sustentadas pelo binômio doença-cura e pela definição no discurso do que é ou não desviante. Sua inclusão e posterior retirada do campo das prevenções e delírios mostra quão instáveis são as concepções do que é ou não considerado patologia. A própria ideia de desvio, como nos lembra Becker (2008) acerca dos comportamentos, em sua proposta de teoria interacionista, parece algo bastante relativo de acordo com o grupo em que o sujeito está inserido.

Assim, o homossexual, por exemplo, antes patologizado por seu comportamento desviante da matriz de inteligibilidade binária, poderá considerar desviante aquele que “comporta-se” de modo distinto, e por este motivo não incorporar o estigma de doente ou perverso. Nesta premissa não está implícito que a homossexualidade seja uma conduta/comportamento, mas que, segundo Becker, cada grupo considera desviante aqueles que não são seus pares.

Retornando a questão do saber médico, pensar a heteronormatividade como normal é pensar a transexualidade como desvio, e, sendo assim, algo passível de normatização pela medicina. Tais características nos levam a crer que a transexualidade é um dispositivo, e, enquanto dispositivo, implica em um conjunto de saberes e discursos, que colocaram-na como fenômeno médico.

Sobre esta questão, Foucault (1984) nos lembra que a própria teoria é uma prática, e, portanto uma forma de exercer poder. Uma prática que atua tomando para si

a capacidade discursiva do outro. Deste modo, implantar um discurso de verdade sobre a transexualidade é negligenciar outros discursos.

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber (FOUCAULT, 1984, p. 71).

Este é justamente o ponto de tensão experimentado pelos transexuais de acordo com os estudos analisados. De um lado a necessidade de incorporar o discurso da doença para acessar as políticas públicas de saúde, do outro assumir um estigma de pessoa doente mesmo não se reconhecendo como tal.

Categoria (2) Políticas de saúde

Nesta categoria está a maioria dos artigos selecionados. As políticas de saúde para as pessoas transexuais é um assunto recorrente, direta ou indiretamente, na maior parte dos artigos. Ressalta-se que a transexualidade é analisada por essa ótica por ser compreendida em muitos setores – e estudos da área - como uma doença.

Carregar o estigma de doente significa ter que submeter-se aos cuidados médicos. Assim, a transexualidade prevê sintomas, tratamento, normas, diagnóstico, vigilância e conseqüentemente necessidade de intervenção médica; o que parece ter culminado com um processo de medicalização. Deste modo, determinar o que é ou não doença significa incluir ou excluir os sujeitos em um sistema que vai além das políticas públicas de saúde pois toca questões sociais e culturais.

De acordo com as publicações encontradas as pessoas transexuais são pessoas afetadas por um transtorno cujas identidades de gênero não são compatíveis com o corpo que elas possuem (PETRY; MEYER, 2011; SAMPAIO; COELHO, 2012). Ainda há estudos como os de Melo et al.(2011), Lionço (2009), Arán e Murta (2009) e Teixeira (2006), que discorrem sobre as legislações que ao longo dos anos vem regulando o acesso dessa população aos serviços públicos de saúde.

No ano de 2004, deu-se início as políticas voltadas para a população LGBT como um todo. Nesse período foi criado o Comitê Técnico Saúde da População GLTB no âmbito do Ministério da Saúde, através da Portaria 2.227/GM - D.O.U. 14/11/2004 (BRASIL, 2004). Este debate se deu em virtude das necessidades singulares das pessoas transexuais na busca pela coerência entre o sexo e o gênero que eles

pertencem. Tendo isto em vista, os governos em suas diversas esferas começaram a atentar para as especificidades dessa população. Por esta razão, ao longo dos anos, foram sendo criados mecanismos que vêm auxiliando as pessoas transexuais na busca por um corpo coerente ao seu desejo.

Em 1997, foi autorizada pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) a realização de cirurgias de transgenitalização e modificação de caracteres secundários – sob o título de experimental - dentro dos hospitais universitários. Após cinco anos, uma nova resolução autorizou a realização dessas cirurgias dentro de hospitais públicos e privados, retirando o caráter experimental, desde que fosse seguida uma rígida seleção por uma equipe multidisciplinar para detectar o “transexualismo” durante um período de pelo menos dois anos (FRANCO et al., 2010; ARÁN, 2006; ARÁN; Zaidhaft; Murta, 2008).

Atualmente os serviços específicos oferecidos às pessoas transexuais são o tratamento hormonal e o cirúrgico, visando concretizar o processo de mudança na busca pelo gênero a que se sente pertencente, denominado de processo transexualizador. Dentro do sistema único de saúde (SUS) estão disponíveis as etapas deste processo e o Ministério da Saúde dispõe de diretrizes específicas para o SUS.

Este processo consiste em estratégias que visam à transformação dos caracteres sexuais (LIONÇO, 2009) e geralmente está associado às seguintes etapas: confirmação do diagnóstico através do laudo do psiquiatra; psicoterapia individual e em grupo; tratamento hormonal e tratamento cirúrgico (ÁRAN; MURTA; LIONÇO, 2009). Desta maneira, há a necessidade que o indivíduo reconheça-se como portador de um transtorno para que tenha acesso aos mecanismos de modificação do corpo, uma vez que esse acesso está condicionado à confirmação de um diagnóstico psiquiátrico (VENTURA; SCHRAMM, 2009; ARÁN; MURTA, 2009).

Tratar a pessoa trans como pessoa doente é mais uma forma de lidar com aquilo que foge ao binarismo homem-mulher colocando-o sob a chave do desvio, e, sendo desviante, é algo passível de controle e intervenção médica, o que faz com que os pacientes na condição de trans sejam submetidos à normatização das ciências da saúde para que consigam ajuda do Estado. Tal perspectiva é contrária a tendência de estudos, em especial nas ciências sociais, que buscam despatologizar a transexualidade, encarando-a como uma questão de identidade (ALMEIDA; MURTA, 2013).

Categoria (3) Militância

Alguns estudos que contemplam a população transexual fazem relações com a militância do movimento LGBT. Este movimento abrange pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. O movimento vem se consolidando e obtendo visibilidade a nível mundial, buscando lutar pelos direitos, a igualdade e o combate a violência contra essa população (FACCHINI, 2009).

O movimento social LGBT transforma temas privados em pautas em questões de ordem pública e atua através de diversas ações sociais. Entre elas estão as paradas de orgulho LGBT, que buscam romper com a rotina e realizam performances de identidades e papéis sociais (JESUS, 2013). Além das paradas, o movimento LGBT realiza diversas ações que reivindicam entre outras coisas: o reconhecimento legal de relações afetivas-sexuais; livre expressão de gênero e orientação sexual; mudança de nome em documentos; acesso a políticas de saúde específicas; adoção de crianças e proteção do Estado (CARRARA, 2010). O movimento LGBT busca a desconstrução do discurso normativo na busca pela igualdade de direitos, problematizando e denunciando a violência e a violação de direitos sofridos por essas pessoas (LIONÇO, 2008). Com base nesta preposição podemos compreender a militância LGBT como “um recurso” de defesa e de busca de benefícios para a população que ela abrange, incluindo as pessoas transexuais.

Categoria (4) Questões de Identidade de Gênero

Os estudos que não estão atrelados às ciências da saúde analisam a transexualidade como uma questão de identidade de gênero, desassociando a imagem da pessoa transexual à doença/ transtorno/ patologia, encarando a transexualidade como uma identidade que destoa das atuais nas normas da heteronormatividade, que restringe e limita as possibilidades de vivência das identidades. Assim, o entendimento que os corpos transexuais “embaralham as fronteiras entre o natural e o artificial, entre o real e o fictício e que denunciam, implícita ou explicitamente que as normas de gênero não conseguem um consenso absoluto na vida social” (BENTO, 2014, p. 19) nos faz refletir sobre a ineficiência das normas de gênero em abranger todas as expressões.

Entre os artigos analisados, dois expressam de forma mais evidente a compreensão da transexualidade como uma questão de gênero desassociada de

questões patologizantes e dialogam diretamente com a teoria *queer*. Peres e Toledo (2011) concebem as pessoas transexuais como novas formas de existência que ganharam visibilidade e emergência e ultrapassam as definições de homem e mulher, heterossexuais e homossexuais, causando rachaduras na matriz binária. Bento (2012) nega a existência de uma identidade trans, e considera a existência de posições de identidade que se estabelecem a partir de sentimentos de negação e afirmação dos modelos sociais que definem o ser homem e o ser mulher. Nesses estudos, a transexualidade se relaciona com as questões de identidade de gênero, que se constroem a partir dos modelos socialmente impostos.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo transexual tem sido tema de estudos de diversas áreas com grande repercussão nas últimas décadas. Diversos campos têm se interessado pela temática da transexualidade, todavia, verificou-se que em bases das Ciências da Saúde ainda há predominância de estudos que tratam a transexualidade como patologia. Apesar disto, foi constatado um tímido e recente crescimento de produções que analisam essa temática de forma holística.

A proposição da transexualidade como dispositivo historicamente e socialmente construído, tal qual nos inspira Foucault ao falar do dispositivo da sexualidade, não é algo novo. Implica dizer que ela encontra-se envolvida no interior de um aparato discursivo respaldado por relações de poder/saber/verdade imperativas, construído a partir de elementos clínicos, científicos e subjetividades. Um dispositivo que opera muito mais vigilante e de forma positiva que negativa, e cujo diagnóstico ocupa um papel central. É a partir do diagnóstico que os transexuais são classificados; e é a partir desta classificação que brotam, do interior do poder, outros discursos. Surge o discurso da diferença contra o discurso da patologia; no interior do próprio dispositivo estão as resistências.

Em relação aos objetivos da pesquisa, os estudos vinculados as bases selecionadas estão muitas vezes atrelados a aspectos biológicos e psicológicos, ou seja, tem sido discutidas formas de acesso e as possibilidades de ofertas de serviços que atendam às necessidades dessa população. Também estão disponíveis, em menor

número, estudos que abordam outras temáticas, embora nenhum faça interface direta com a Educação Física, revelando um campo profícuo de estudo.

Concluiu-se, portanto, que ainda há carência de estudos que analisem a transexualidade sob uma ótica mais holística e social entre os periódicos específicos das ciências da saúde. Isto refletiu diretamente no objetivo inicial da presente pesquisa, de identificar os estudos que relacionam Educação Física/exercício físico e os transexuais.

O exercício físico é uma ferramenta social que pode oferecer benefícios aos seus praticantes, seja de ordem física ou psicossocial, e lida diretamente com o corpo, ajudando em sua modificação. As pessoas transexuais consideram o corpo a principal peça de reconhecimento social de sua identidade de gênero, e é através dele que eles obtêm a sua afirmação pessoal, falar em exercício físico corroborando com a produção de corpos masculinizados ou feminizados não é algo tão distante. No entanto, a hipótese de que o exercício físico poderia servir como instrumento para a produção de tais corpos, entre os transexuais – algo semelhante a construção protética já discutida alhures - não foi confirmada nos estudos encontrados; porém, isto não invalida a hipótese, apenas mostra uma lacuna de investigação sobre o tema, acentuada propositalmente por questões metodológicas.

As questões de ordem afetiva, emocional e cultural, como também os benefícios fisiológicos que podem ser associados às práticas corporais realizadas por pessoas transexuais ainda demandam maiores estudos. Acreditando na importância do desenvolvimento das discussões entre os periódicos específicos das ciências da saúde, a investigação realizada limitou-se à realização de uma revisão sistemática na base de dados BVS com o intuito de ajudar no preenchimento futuro de possíveis lacunas de investigação no contexto da produção acadêmica em Educação Física. Desta forma, sugere-se que pesquisas futuras dediquem-se à uma interface mais direta com o universo da Educação Física a fim de identificar as possíveis contribuições e nuances do exercício físico praticado pelas pessoas transexuais e demais questões de ordem sociocultural voltadas para essa parcela da população de maneira específica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme; MURTA, Daniela. Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.14, p. 380-407, ago. 2013.

ARÁN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Âgora**, Rio de Janeiro, v.9, n.1,p.49-63, jan./jun. 2006.

ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redefinições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v.19, n. 1, p.15-41, 2009.

ARÁN, Márcia; ZIDHAFT, Sérgio; MURTA, Daniela. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.20, n.1, p. 70-79, jan./abr. 2008.

ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela; LIONÇO, Tatiana. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n.4, p. 1141-1149, jul./ago. 2009.

BARBOSA, Bruno César. “Doidas e putas”: usos das categorias travesti e transexual. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.14, p. 352-379, ago. 2013.

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. **Florestan**. ano 01, n.2, p. 46-66, nov. 2014.

_____. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n.10, p. 2655-2664, out., 2012.

_____. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Porto Alegre,v.20, n.2, p.569-581, mai./ ago.2012.

BORBA, Rodrigo. Sobre os obstáculos discursivos para a atenção integral e humanizada à saúde de pessoas transexuais. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 17, p.66-97, mai./ago. 2014.

BRASIL. Portaria Nº 2.227/GM, de 14 de outubro de 2004. Dispõe sobre a criação do Comitê Técnico para a formulação de proposta da política nacional de saúde da população de gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais - GLTB. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 14 out. 2004b. Seção II, p. 24

CARRARA, Sérgio. Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo. **Bagoas**, Natal, v.4, n.5, p. 131-147, 2010.

CARVALHO, Mário; CARRARA, Sérgio. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. **Sexualidad, Salud Y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.14, p. 319-351, ago. 2013.

CARVALHO, Mário Felipe de Lima. A (im)possível pureza: medicalização e militância na experiência de travestis e transexuais. **Sexualidad, Salud Y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.8, p. 36-62, ago. 2011.

CASTELL, Pierri-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.21, n.41, p.77-111, 2001.

CAVANAGH, Sheila L.; SYKES, Heather. Cuerpos transexuales en las Olimpíadas: las políticas del Comité Internacional Olímpico en relación con I@s atletas transexuales em los juegos de Verano, Atenas 2004. **Debate Feminista**, v.39, p. 40-74, abr. 2009.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas**, Natal, v.3 n.4, p.131-158, 2009.

FOUCAULT . Michel. **Microfísica do poder**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRANCO, Talita et al. Transgenitalização masculino/feminino: experiência do Hospital Universitário da UFRJ. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, Rio de Janeiro, v. 37, n.6, p. 426- 434, nov./dez., 2010.

FREIRE, Eduardo Cosino et al. A clínica em movimento na saúde de TTTS: caminho para materialização do SUS entre travestis, transexuais e transgêneros. **Saúde em Debate [online]**, Rio de Janeiro, V.37, n.98, jul./set. 2013.

GIONGO, Carmem Regina; MENEGOTTO, Lisiane Machado de Oliveira.; PETTERS, Simone. Travestis e Transexuais Profissionais do Sexo: Implicações da Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, n.4, p. 1000-1013, 2012.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 395-411, jan./mar., 2014.

JESUS, Jacqueline Gomes de. Alegria momentânea: paradas do orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 6, n.1, p. 54-70, jan./jun., 2013.

LESSA, Patrícia; VOTRE, Sebastião Josué. Carteira rosa: a tecnofabricação dos corpos sexuados nos testes de feminilidade na olimpíada de 1968. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.35, n.2, p. 263-279, abr./jun. 2013.

LIONÇO, Tatiana. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios*. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n.1, p. 43-63, 2009.

_____. Que Direito à Saúde para a População GLBT? Considerando Direitos Humanos, Sexuais e Reprodutivos em Busca da Integralidade e da Equidade. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n.2, p.11-21, abr./jun. 2008.

MATÃO, Maria Eliane Liégio et al. Representações sociais da transexualidade: perspectiva dos acadêmicos de enfermagem e medicina. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Bahia, v.34, n.1, p. 101-118, jan./mar., 2010.

MELLO, Luiz et al. Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. **Sexualidad, Salud Y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.9, p. 7-28, dez. 2011.

NOLETO, Rafael da Silva. "Brilham estrelas de São João!": notas sobre os concursos de "Miss Caipira Gay" e "Miss Caipira Mix" em Belém (PA). **Sexualidade, Salud Y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.18, p. 74-110, dez. 2014.

NUNES, Taise Maurice; SARAIVA, Maria do Carmo. A identidade de gênero (feminilidades e masculinidades) na mídia e nas práticas corporais: produção científica em revistas da educação física brasileira de 2000 a 2008. *In*: FAZENDO GÊNERO: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 9.,2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: 2010.

PERELSON, Simone. Transexualismo: Uma questão do nosso tempo e para o nosso tempo. **Epos**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 1-19, jul./dez. 2011.

PERES, William Siqueira; TOLEDO, Livia Gonsalves. Dissidências Existenciais de Gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v.11, n.22, p. 261-277, dez. 2011.

PETRY, Analidia Rodolpho; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v.10, n.1, p.193-198, jan./jul. 2011.

RINALDI, Doris. O corpo estranho*. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v.14, n.3, p. 440-451, set. 2011.

RODRIGUES, Carla; HEILBORN, Maria Luiza. Construindo Vera Cruz e desconstruindo gênero: aproximações entre Pedro Almodóvar e Judith Butler. **Sexualidade, Salud Y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.16, p. 73-85, abr. 2014.

SAMPAIO, Liliane Lopes Pedral; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 16, n.42, p. 637-649, jul./set. 2012.

SAMPAIO, Rosana.Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p.83-89, jan./fev. 2007.

SANTOS, Paulo Reis dos. Tensões e desafios: LGBTs e o poder público? **Revista de Psicologia da UNESP**. São Paulo, v.9, n.2, p. 147-164, 2010.

SILVA, Alexsander Lima da; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Transexualidade/travestilidade na literatura brasileira: sentidos e significados. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n.2, p. 274-287, 2013.

SILVA, Marcelo Moraes e; CÉSAR, Maria Rita Assis. Refletindo sobre os “problemas de gênero” no Brasil: contribuições para a pesquisa em Educação Física. **Educación Física y Ciencia**, Universidad Nacional de La Plata, Argentina, vol. 16, n. 2, dez. 2014.

SOARES, Milene et al. O apoio da rede social a transexuais femininas. **Paidéia**, v.21, n.48, p. 83-92, jan./abr. 2011.

TEIXEIRA, Marina Caldas. Mudar de sexo: uma prerrogativa transexualista. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 12, n.19, p.66-79, jun., 2006.

VENTURA, Miriam; SCHRAMM, Fermin Roland. Limites e possibilidades do exercício da autonomia nas práticas terapêuticas de modificação corporal e alteração da identidade sexual. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n.1, p. 65-93, 2009.

3. METODOLOGIA

A estrutura desta dissertação está organizada de forma distinta dos padrões clássicos de elaboração de dissertações do contexto acadêmico tradicional. Adotamos o padrão baseado no “Modelo Escandinavo”, que propõe a produção da dissertação em um ou mais artigos para expor os resultados obtidos na pesquisa. Contudo, apesar da estrutura diferenciada, esta dissertação atende todos os princípios dispostos para normatização das dissertações e teses do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física Universidade de Pernambuco/Universidade Federal da Paraíba - PAPGEF UPE/UFPB que reza em suas normas 002/2015, artigo 1º:

Os concluintes dos cursos de pós-graduação stricto sensu em nível de mestrado acadêmico e doutorado oferecidos pelo PAPGEF UPE/UFPB deverão apresentar o trabalho final (dissertação ou tese) correspondente ao seu curso, no formato estabelecido no apêndice desta norma interna (NORMATIZAÇÃO PARA A ELABORAÇÃO DA DISSERTAÇÃO OU TESE), obedecendo rigorosamente suas instruções e modelos. (PAPGEF – UPE/UFPB, 2015).

Deste modo, diante das possibilidades ofertadas pelo PAPGEF – UPE/UFPB para o desenvolvimento desta dissertação, optamos pelo modelo dois (2), alternativo, definido segundo apêndice da norma 002/2015/PPGEF, da seguinte forma:

Em conformidade com as resoluções e normas em vigência, admi-se que a dissertação ou tese possam ser apresentadas em dois formatos: (1) formato tradicional (monográfico); e formato de artigos. Independente do formato definido pelo discente, os princípios gerais contidos nesta normatização devem ser observados. (PAPGEF – UPE/UFPB, 2015).

3.1 Delineamento do estudo:

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa exploratória e adota uma perspectiva interpretativa fenomenológica, que se mostra mais direcionada para as questões humanas, que visam o ponto de vista dos sujeitos, considerando os significados que eles dão a experiência vivida, “efetuando o movimento de trabalhar com sentidos e significados que não se dão em si, mas vão se constituindo e se mostrando em diferentes modos de olhar” (BICUDO, 2011, p.41). Em outros termos,

são estudados os significados dos fenômenos, fatos, manifestações, vivências, ideias e sentimentos; na crença de que estes podem responder aos objetivos levantados (GASKELL; BAUER, 2012). A pesquisa propõe dá voz ao modo como as pessoas transexuais vivem seus processos de mudanças corporais, considerando a percepção dos seus corpos.

3.2 Local da Pesquisa

A pesquisa foi realizada no Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais (Ambulatório TT) localizado no anexo do Hospital Clementino Fraga na cidade de João Pessoa- PB.

O Ambulatório TT de João Pessoa foi inaugurado em Julho de 2013 pelo governo do Estado da Paraíba e hoje é referência nacional, equipes de diferentes estados vêm conhecer o serviço. O espaço é voltado para o atendimento de travestis e transexuais que buscam realizar o processo transexualizador, não sendo oferecidos outros serviços de saúde que não estejam ligados a esse processo. O ambulatório atende aos 223 municípios paraibanos e mais dois Estados da Região Nordeste: Pernambuco e Rio Grande do Norte, contando com uma equipe composta por ginecologista, endocrinologista, psiquiatra, fonoaudióloga, nutricionista, assistente social e psicólogos.

Optamos por realizar a pesquisa nesse espaço por acreditar que as pessoas que procuram esses serviços tem em comum -entre tantos anseios- o interesse em realizar mudanças corporais, correspondendo com o objetivo da nossa pesquisa.

3.3 População e Amostra

Os sujeitos sociais da pesquisa foram oito homens trans e dez mulheres trans que recebiam atendimento no Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais, localizado no anexo do Hospital Clementino Fraga na cidade de João Pessoa-PB.

O critério de inclusão adotado foi se identificar como homem trans ou mulher trans, o critério de exclusão foi deixar de participar de alguma etapa da pesquisa ou não entregar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

3.4 Instrumento de coleta de dados

A fim de compor os elementos de análise para o estudo, utilizamos a entrevista e um questionário socioeconômico. As entrevistas são muito utilizadas pelo método qualitativo para que o pesquisador possa vir a conhecer seu objeto de estudo a partir de relatos fornecidos por informantes (SIMON; FRANCISCHI; MORETTI PIRES, 2012). O tipo de entrevista escolhido foi a exploratória semi-estruturada, que consiste em um instrumento direcionado para questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador a partir dos objetivos da pesquisa, mas que ao mesmo tempo dão abertura para a modificação ou realização de novos questionamentos conforme a necessidade e o nível de maturidade daquele que a executa (GIL et al.,2010). O questionário socioeconômico, elaborado pelos próprios pesquisadores, serviu para ampliar a compreensão dos sujeitos sociais do estudo.

3.5 Análise dos dados

Para a análise das falas obtidas, utilizamos a proposta de Bicudo (2011) que busca evidenciar os sentidos, efetuar sínteses de unidades de significado, bem como analisar as falas através de categorias de análise. Sua proposta recomenda quatro passos. O primeiro é a leitura atenta das falas obtidas realizando conexões entre as falas e o fenômeno estudado. O segundo é evidenciar os sentidos a partir das necessidades da questão estudada. O terceiro é definir as unidades de significado, unindo sentidos colocados em evidência e, por fim, o último passo é estabelecer as redes de significados.

3.6 Considerações Éticas

Salienta-se que o presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, seguindo a Resolução Nº 466/13 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação em Fevereiro de 2016, obtendo assim Registro no CEP/CCS/ UFPB e CAAE de número: 50755715.7.0000.5188. Após a autorização do Comitê de Ética em

pesquisas, demos inicio a realização das entrevistas e questionários, aplicados nas dependências do ambulatório, de forma individual em uma sala reservada.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Artigo 1- HOMENS TRANS E ATIVIDADES FÍSICAS: A CONSTRUÇÃO DO CORPO MASCULINO

Artigo não submetido a nenhum periódico até o momento.

HOMENS TRANS E ATIVIDADES FÍSICAS: A CONSTRUÇÃO DO CORPO MASCULINO

RESUMO

Não é novidade que força, vigor físico e rigidez muscular são características associadas, na sociedade ocidental, aos homens cisgênero. Mas há poucos anos foi erguida a possibilidade da participação da atividade física (com ênfase em lutas, artes marciais e musculação) na produção de tais características, e, portanto, das masculinidades de homens transgênero. Nesta perspectiva, este estudo buscou analisar a relação dos homens trans com as atividades físicas no processo de “masculinização”. Participaram 8 homens trans que fazem uso dos serviços oferecidos pelo Ambulatório de Saúde integral para Travestis e Transexuais na cidade de João Pessoa-PB, que foram submetidos a uma entrevista semi-estruturada e um questionário socioeconômico, analisado com base na proposta de Bicudo para a análise fenomenológica. Este estudo concluiu que os entrevistados fazem uso das atividades físicas em busca do ganho de massa corporal e definição muscular, aspectos que na visão dos entrevistados remetem a um corpo masculino reforçando não apenas a sua masculinidade, mas ajudando na construção da sua identidade sexual.

Palavras-chave: Homens Trans. Exercício Físico. Corpo.

TRANS MEN AND PHYSICAL ACTIVITIES: THE CONSTRUCTION OF THE MALE BODY

ABSTRACT

It is not new that strength, physical vigor and muscle stiffness are characteristics that are associated, in Western Society, to cisgender men. Nevertheless, a few years ago, the possibility of participating in physical activity (emphasizing wrestling, martial arts and weight training) was developed in the production of such characteristics, and therefore, the masculinities of transgender men. In this perspective, this study analyzed the relationship that trans men have with physical activities in the process

of "masculinization". There were 8 trans men and 10 trans women who participated in this research and they use the services offered by the Total Health Care Ambulatory for Transvestites and Transsexuals in the city of João Pessoa-PB. They were submitted to a socioeconomic questionnaire and a semi-structured interview; they were analyzed based on Bicudo proposal for the Phenomenological analysis. This study concluded that the interviewees used physical activities trying to increase body mass and muscle definition, aspects that, according the interviewees' point of view, refer to a masculine body, reinforcing not only their masculinity, but also helping them to build their sexual identity.

Keywords: Men Trans. Physical Exercise. Body.

4.1.1 INTRODUÇÃO

Seguindo uma tendência internacional de discussão sobre gênero e sexualidade, um rápido olhar na literatura existente evidencia o considerável crescimento na produção de artigos e livros que debatem sobre a transexualidade. Em meados do século XX esses estudos começaram a se tornar mais evidentes e consistentes (BENTO, 2014). Entretanto, esse crescimento não pode ser atrelado aos estudos sobre a transexualidade masculina de maneira particular, considerando que pouco se discute sobre essa forma específica de transexualidade, havendo, assim, um protagonismo da transexualidade feminina nos saberes produzidos (ÁVILA, GROSSI, 2010; LIMA, 2014).

Embora haja muitos estudos sobre transexualidade de uma maneira geral, não há um consenso sobre a definição desse termo, havendo convergências e divergências nas diversas tentativas de definição. Nós adotamos a definição proposta por Bento (2006) que entende a transexualidade como uma questão identitária, referindo-se às pessoas que demandam um reconhecimento social no gênero oposto ao do nascimento, não havendo relação com aspectos médicos e patologizantes.

Para fins deste estudo, dentre tantas nomenclaturas como: homem trans, transexual masculino, homem transexual, trans homem, etc., adotaremos homem trans sempre que formos nos referir a pessoa que nasceu biologicamente mulher, mas se identifica como homem. "Eles sentem-se homens, querem ser reconhecidos, em sua identidade de gênero, como homens" (SOUSA, VIANA, VALE, 2015).

Para Almeida (2012), os homens trans são um grupo de pessoas que têm se tornado mais visíveis no cenário público em virtude do processo transexualizador oferecido pelo SUS (Sistema Único de Saúde), que disponibiliza diversas modificações corporais. Eles desejam modificações corporais através de hormonização, cirurgias e outros recursos, além de desejarem o reconhecimento jurídico do sexo e do nome masculinos.

O corpo tem relação direta com o reconhecimento social – tão almejado pelas pessoas trans – segundo o gênero que se identifica, já que ele é um símbolo visual para criar as especificidades do homem e da mulher ou revolucionar esses estereótipos (LE BRETON, 2011). Isto ocorre pela “preocupação de modificar o olhar sobre si e o olhar dos outros a fim de sentir-se existir plenamente” (LE BRETON, 2013, p. 30).

Desta maneira, as pessoas trans recorrem a diversos mecanismos que possam auxiliar no processo de remodelação corporal. Os homens trans buscam mecanismos que os posicionem socialmente como homem, utilizando técnicas que os masculinizem (REGO, 2014).

Na atualidade existem diversos dispositivos que auxiliam na construção/remodelação do corpo a partir da definição do gênero. Os procedimentos estéticos e cirúrgicos alteram as formas corporais e/ou o sexo, as dietas e as terapias hormonais modificam a massa muscular e a silhueta (LE BRETON, 2013). Para Novaes (2010, p.36) “os avanços tecnocientíficos e o desenvolvimento da nova medicina colocaram em questão, desde a segunda metade do século XX, aspectos da condição humana que pareciam intangíveis.” Tais avanços proporcionam ao sujeito produzir seu corpo de acordo com suas vontades, desejos e sentimentos, o que leva à conclusão de que o corpo está intimamente ligado à construção da identidade de gênero. Ademais, cabe lembrar que isto não quer dizer que a possibilidade do sujeito ter encontrado formas na biomedicina e tecnociência de produzir o próprio corpo iniba o caráter relacional da construção das identidades sexuais.

Dentre esses dispositivos, nosso estudo se detém a aprofundar a relação dos homens trans com as atividades físicas. Compreendemos atividade física como a realização de movimentos corporais que mobilizem um gasto energético acima do repouso (CARVALHO, 2006). A atividade física é composta por: jogos, lutas,

danças, esportes, exercícios físicos, atividades laborais e deslocamentos (PITANGA, 2002).

Nos últimos anos, por influência – também – do discurso da mídia, que veicula em seus diversos meios corpos perfeitos e “malhados”, nota-se um aumento significativo no número de pessoas que procuram as atividades físicas (TAHARA; SCHWARTZ; SILVA, 2003). Essa procura é relacionada às necessidades pessoais, que por vezes estão associadas a saúde, ao bem-estar e a estética.

As academias de ginástica são um dos espaços que oferecem uma maior diversidade de práticas corporais, e são compreendidas por Oliveira (2010, p. 215) como:

Um empreendimento com um grande leque de aparelhos modernos para aulas de musculação, ginástica, natação, hidrogenástica, pilates, condicionamento físico, boxe, karatê, jiu-jitsu, dança de salão. Oferecem emagrecimento, flexibilidade, rigidez muscular, e transformações estéticas como meio de assegurar a boa forma e a saúde física.

Desta maneira, percebemos que as atividades físicas surgem como uma possibilidade para os homens trans no processo de mudanças corporais por terem a capacidade de remodelar os corpos a partir de uma prática sistematizada para um objetivo, podendo tornar o corpo mais magro, mais musculoso, mais definido, de acordo com o objetivo de quem o pratica. Além disso, a produção de significados não se reduz aos resultados, mas também ao processo, se fazer presente nesses ambientes, compartilhando de práticas masculinas colaboram para o sentimento de pertencimento (REGO, 2014). Ao mudar o corpo, a pessoa pode optar por um novo modelo que a caracterize como ela se identifica (MALYSSE, 2012). Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar o uso das atividades físicas por homens trans no processo de mudanças corporais.

4.1.1 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa exploratória e adota uma perspectiva interpretativa fenomenológica, em que são estudados os significados dos fenômenos, fatos, manifestações, vivências, ideias e sentimentos; na crença de que estes podem responder aos objetivos levantados (GASKELL; BAUER, 2012).

Os sujeitos sociais da pesquisa foram 8 homens trans que recebiam atendimento no Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais

localizado no anexo do Hospital Clementino Fraga na cidade de João Pessoa-PB. O critério de inclusão adotado foi se identificar como homem trans, o critério de exclusão foi deixar de participar de alguma etapa da pesquisa ou não entregar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

A fim de levantar elementos de análise para o estudo, utilizamos a entrevista do tipo semi – estruturada que parte de perguntas previamente definidas a partir do objetivo da pesquisa, mas que possibilita a realização de novas perguntas conforme a necessidade surgida em campo (GIL et al., 2010) e um questionário socioeconômico a fim de ter uma visão geral do grupo entrevistado.

Salienta-se que o presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, seguindo a Resolução Nº 466/13 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação em Fevereiro de 2016, obtendo assim Registro no CEP/CCS/ UFPB e CAAE de número: 50755715.7.0000.5188. Após a autorização do Comitê de Ética em pesquisas, demos início a realização das entrevistas e questionários, aplicados nas dependências do ambulatório, de forma individual em uma sala reservada.

Para a análise das falas obtidas, utilizamos a proposta de Bicudo (2011) que busca evidenciar os sentidos, efetuar sínteses de unidades de significado, bem como analisar as falas através de categorias de análise. Sua proposta recomenda quatro passos. O primeiro é a leitura atenta das falas obtidas realizando conexões entre as falas e o fenômeno estudado. O segundo é evidenciar os sentidos a partir das necessidades da questão estudada. O terceiro é definir as unidades de significado, unindo sentidos colocados em evidência e, por fim, o último passo é estabelecer as redes de significados.

4.1.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tentativa de traçar um panorama mais amplo dos colaboradores deste estudo, facilitando assim a compreensão das falas analisadas, o quadro abaixo sintetiza as informações obtidas na aplicação do questionário socioeconômico.

Quadro - Quadro geral dos entrevistados(as)

Entrevistados	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8
Idade	32	20	24	28	28	20	18	23
Naturalidade	João Pessoa	Patos	Piauí	São Paulo	Natal	João Pessoa	João Pessoa	João Pessoa
Sexo de Nascimento	F	F	F	F	F	F	F	F
Identidade de Gênero	M	M	M	M	M	M	M	M
Relacionamento	Casado	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Casado	Solteiro	Solteiro
Escolaridade	Ensino Médio completo	Ensino Médio incompleto	Ensino Médio completo	Ensino Superior Incompleto	Ensino Superior completo	Ensino Superior Incompleto	Ensino Médio completo	Ensino Médio Incompleto
Profissão	Comerciante	Estudante	Atendente de Telemarketing	Garçom	Assessor Jurídico	Atendente de loja	Estudante	Desempregado

Fonte: Dados do estudo

Seguindo o método proposto por Bicudo (2011), inicialmente realizamos a leitura atenta das falas após a transcrição das entrevistas, nessa leitura fomos grifando palavras-chave que faziam conexão com o objetivo do estudo. No segundo passo, fomos evidenciando os sentidos a partir do objetivo, grifando passagens que tinham relação direta com o objetivo do estudo. No terceiro passo, estabelecemos e unimos as unidades de significados a partir das palavras mais representativas e recorrentes. Por fim, estabelecemos a rede de significados expressa na figura abaixo:

Figura- Rede de significados



Não é novidade que força, vigor físico e rigidez muscular são características associadas, na sociedade ocidental, aos homens cisgênero (cujo sexo biológico e identidade de gênero são iguais). Mas há poucos anos – seguindo uma tendência internacional de discussão sobre a relação sexualidade e corpo – devido a uma combinação de fatores políticos, sociais e culturais, foi erguida a possibilidade da participação da atividade física (com ênfase na musculação, artes marciais e lutas) na produção de tais características, e, portanto, das masculinidades de homens transgênero. Estudos como o de Berenice Bento (2012) e Rego (2014) trazem relatos de homens trans que realizaram mudanças corporais através de “exercícios vigorosos” na direção de um corpo que expresse sua identidade de gênero.

Os discursos dos sujeitos emergiram em torno do que eles fazem ou desejam fazer em relação as atividades físicas, o objetivo deles ao realizar ou querer realizar aquela atividade e o local onde essas atividades são/poderão ser realizadas. No que diz respeito às atividades que eles fazem/desejam fazer percebemos a predominância de lutas, artes marciais e musculação.

As lutas e as artes marciais são atividades que inicialmente só eram praticadas por homens, hoje em dia esse cenário já é diferente, todavia, há um maior número de adeptos do gênero masculino e por vezes o senso comum ainda associa essas praticas exclusivamente ao masculino. “Essas práticas de combates e contatos físicos que pressupõem força e agressividade funcionam como uma espécie de santuário sacralizado da masculinidade e virilidades tradicionais” (CHAVES, ARAÚJO, 2015). Podemos constatar isso na fala de E1, que foi proibido

de realizar as atividades físicas que desejava por sua mãe fazer associações ao masculino:

Eu tentei fazer capoeira, minha mãe não deixou porque dizia que era coisa de menino, ela me barrava em muita coisa em relação a isso, a alguma luta ou arte marcial (E1).

Já a musculação é uma atividade física reconhecida por sua capacidade de remodelar corpos, proporcionando hipertrofia muscular aos seus praticantes. Aydian Dowling, homem trans Americano, ficou em segundo lugar no concurso para capa da Men's Health, para alcançar o corpo de "capa de revista", ele fazia exercícios aeróbicos todos os dias e musculação cinco vezes por semana³. Para Rego (2014, p.3), "o homem trans que se preocupa em tonificar os músculos, vê no corpo musculoso algo que lhe ajuda performaticamente a ser visto enquanto homem, acessado através da musculação enquanto um dispositivo que produz a hipertrofia muscular". Podemos verificar isso através das falas de E2 e E3 respectivamente:

Eu não tenho vontade de ser bombadão, mas tenho vontade de ter um corpo mais definido, de homem, com uma musculatura mais visível.

O Corpo musculoso é um corpo que é considerado másculo, né?!

Nas falas acima observamos a preferência dos sujeitos sociais por atividades historicamente associadas ao gênero masculino. Tal informação vai ao encontro da fala de Rego (2014). Segundo ele, os homens trans utilizam diversas técnicas corporais para transformar o corpo em direção ao masculino e distanciando do feminino, manipulando o corpo e o discurso a partir do próprio corpo. Assim, conclui-se que além dos objetivos físicos/biológicos na escolha das atividades físicas, existe um processo de "masculinização" – através da produção de uma estética tida como masculina – do corpo, na tentativa de solidificar uma identidade que o transcende. Isto por que, na visão dos homens trans entrevistados, esta nova identidade masculina poderá garantir, além de satisfação com a imagem, pertencimento.

³ Ver a matéria de Tatiane Rosset para o site da Veja São Paulo: "Esta garota está prestes a se tornar o primeiro homem transgênero a estrear capa da 'Men's Health'"

“As alterações corporais fazem parte do processo de formação da identidade dos homens trans. Essas modificações levam em consideração aspectos simbólicos dos usos sociais do corpo” (SOUSA, VIANA, VALE, 2015).

Sobre esta questão, Bento (2012, p.2657) alerta que a transexualidade está para além das amarrações entre corpo e sexo e que reproduzir um padrão binário com base nos “gêneros inteligíveis” – seja através do exercício físico ou não – pode incentivar a busca por características tipicamente masculinas como: virilidade, vida profissional e sexual ativa, competitividade, etc; porém, seguir esta lógica pode levar a sentimentos de frustração. Apesar disto, Bento admite que estando as normas de gênero também pautadas sobre algo tão maleável como o corpo, as modificações podem revelar a fragilidade de tais normas e gerar assim modificações nesse sistema que opera entre masculino e feminino, tornando-o igualmente flexível.

No que se refere ao objetivo dos homens trans ao realizar atividades físicas, percebemos um conjunto de palavras que pelo contexto podem ser consideradas como sinônimos, resumidas em: um corpo “de homem” musculoso. As falas de E1, E4 e E5 nos comprovam isso quando demonstram um discurso bem convergente quando questionados sobre o corpo que eles querem ter.

Cara, eu quero ficar sarado, musculoso (E1).

Eu quero ter um corpo mais malhado, definido (E4).

O corpo que eu quero ter é um corpo musculoso e definido (E5).

A busca por esse corpo “de homem” musculoso se dá por diversos motivos de ordem social e cultural. Dentro do próprio movimento de homens trans existe uma cobrança em relação a estética, como podemos perceber na fala de E3:

Eles tipo “obrigam”. Você é um homem trans então você tem que fazer academia, você tem que ter uma barba, você tem que ser assim e eu sou contra isso. [Esse “eles” a quem você se refere é o coletivo de homens trans?] É. Forma o ideal de homem trans, uma pessoa forte, musculosa, com barba, geralmente esse é o padrão.

As imagens de homens trans divulgadas na mídia são, em sua maioria, de homens fortes e musculosos, reproduzindo um padrão de corpo ideal. Como no caso de Tereza Brant, homem trans que divulga fotos do seu corpo cada vez mais

musculoso através da malhação e da dieta.⁴ Casos como esse acabam por divulgar e incentivar um modelo estético padrão para os homens trans.

Quando vamos analisar os locais em que os sujeitos já realizaram ou querem realizar atividades físicas, dois locais têm protagonismo nos discursos, a casa e a academia. Dentre essas opções, o lugar mais adequado seria a academia, todavia, dois motivos levam os entrevistados a realizar atividades físicas em casa, o preconceito e a falta de recurso financeiro. Em relação ao preconceito E3 diz que foi tratado na academia como mulher. Comentou que isso o incomodou e gostaria de não precisar passar por tudo isso novamente. Já E4 diz temer não encontrar uma academia que o respeite e que por problemas financeiros se exercita em casa. Quando eles “optam” por se exercitar em casa, surge o recurso da internet como guia para esses exercícios, seja através de pesquisas avulsas, seja através de relatos de experiências de outros homens trans, como afirma E4 e E6 respectivamente:

Eu procurava na internet, cada dia eu fazia um treino para um músculo diferente. Em seguida, fazia uma pausa naquele músculo e assim cada vez eu ia mudando as séries.

[Quais os exercícios que você faz em casa?] Abdominal e apoio. [Por quê?] Por que alguns homens trans disseram que esse tipo de exercício ajuda a diminuir o peitoral, que é o que eu tenho mais interesse.

A vontade de modificar o corpo, por meio da atividade física, faz com que esses sujeitos superem os desafios impostos e encontrem maneiras alternativas de continuar o processo na busca de construir um corpo musculoso que se configure como homens trans. Nesse sentido, a prática da atividade física se constitui efetivamente como forma de significar e ressignificar o processo de autoidentificação dos homens trans. Essa prática possibilitou conferir visibilidade social, por meio de transformações corporais, que configuram a produção de uma identidade de homem trans.

⁴ Ver a matéria de Luciana Tecideo para o site da Ego: “Tereza Brant surpreende com corpo musculoso: acabaram as dúvidas”.

4.1.4 CONCLUSÃO

As atividades físicas estão presentes em todas as camadas sociais no dia a dia de diferentes sujeitos por diversos motivos diferentes. No universo transexual, em especial dos homens trans, não seria diferente.

A masculinidade está em constante produção através de elementos que caracterizam o masculino. Nessa busca, os homens trans recorrem a atividades físicas, como lutas e musculação na certeza de que essas técnicas podem remodelar seus corpos, proporcionando uma musculatura hipertrofiada.

Diversos objetivos são enumerados para justificarem a busca por essas atividades, entretanto, todos circulam no mesmo eixo, obter um corpo “de homem” que os façam ser reconhecidos no masculino. Nesse contexto, a musculação funciona como um provável instrumento de modificação dos corpos e das identidades masculinas. Este estudo concluiu que os entrevistados fazem uso das atividades físicas em busca do ganho de massa corporal e definição muscular, aspectos que na visão dos entrevistados remetem a um corpo masculino reforçando não apenas a sua masculinidade, mas ajudando na construção da sua identidade sexual.

A musculação, bem como outras atividades físicas, pode alterar aquilo que não os satisfaz além de inseri-los em um contexto masculino. Um fato importante a se destacar é a necessidade de se combater a transfobia também dentro dos espaços destinados às práticas de atividade física, sejam eles públicos ou privados, a fim de oferecer ambientes de qualidade para a prática dessas atividades a toda população, evitando que esses sujeitos se exponham a realizar atividade sem orientação especializada correndo o risco de sofrer lesões ou de não alcançar o objetivo pré-determinado. A pesquisa aqui apresentada se deteve a analisar a relação dos homens trans com as atividades físicas no processo de mudanças corporais, todavia, a ênfase foi dada aos discursos fora do ambiente em que eles realizam essas práticas, sugerimos a realização de outros estudos dentro desses ambientes para sejam observados outros fatores que possam vir a contribuir com o resultado da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. “Homens Trans”: Novos Matizes na Aquarela das Masculinidades?. **Estudos Feministas**. Florianópolis. V. 20, n.2, p.513-523, 2012.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. “Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina”. In: **FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADE, DESLOCAMENTOS**, 23 a 26 de agosto de 2010, Florianópolis. Disponível

em:<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278255349_ARQUIVO_Maria,MariaJoao,Joao040721010.pdf>. Acesso em: 20.ago. 2011.

BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. **Florestan**. ano 01, n.2, p. 46-66, nov. 2014.

_____. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 17, n. 10, p. 2655-2664, Oct. 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012001000015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012001000015>.

_____. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BICUDO, M. A. V. **Pesquisa qualitativa e pesquisa qualitativa segundo a abordagem fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.

CARVALHO, Y.M. Promoção da saúde, Práticas Corporais e Atenção Básica. **Revista Brasileira Saúde da Família**. Brasília, p. 33-45, 2006. Disponível em : <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/periodicos/saudefamilia/revista_saude_familia11.pdf>. Acesso em: 14. Set. 2016.

CHAVES, P.N; ARAÚJO, A.C.de. Pensando o corpo travestido e transexualizado no esporte: uma análise da película Beautiful Boxer. **Motrivivência**.v.7, n. 45, p. 219-229, set. 2015.

GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GIL, J.M.S.; et al. **Pesquisa qualitativa na Educação Física - Alternativas Metodológicas**. 3 ed. MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS. A. S. (org). Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

LE BRETON, D. **Adeus ao Corpo**. 6.Ed. São Paulo: Papirus, 2013.

LIMA,F. Biotecnologias, modos de subjetivação e práticas de si nos processos de hormonização entre homens transexuais. In: **29° Reunião Brasileira de Antropologia**, 03 a 06 de agosto de 2014, Natal. Disponível em:

_____. **Adeus ao Corpo**. 6.Ed. São Paulo: Papirus, 2013.

<http://www.29rba.abant.org.br/trabalho/view?q=YToyOntzOjY6lnBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjExOiJJRF9UUkFCQUxITyI7czozOixNTAiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiMWM0ZTlmMWQ4Y2I3ODBiMTFiMDUxMDA0ZTIhY2FmZjliO30%3D&impressao>. Acesso em: 30.jul. 2016.

NOVAES, V.J. **Com que corpo eu vou? : sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares**.1.Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

PITANGA, F.J.G. Epidemiologia, atividade física e saúde. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.** Brasília, v.10, n. 3, p.49-54, Jul, 2002.

REGO, F.C.V.S.do. Hipertrofia Muscular como expressão da masculinidade entre homens transexuais: Masculinidade e ética antropológica. **In: 29° Reunião Brasileira de Antropologia**, 03 a 06 de agosto de 2014, Natal. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/trabalho/view?q=YToyOntzOjY6lnBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjExOiJJRF9UUkFCQUxITyI7czozOixNTAiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiMWM0ZTlmMWQ4Y2I3ODBiMTFiMDUxMDA0ZTIhY2FmZjliO30%3D&impressao>. Acesso em: 30.jul. 2016.

REGO, F.C.V.S.do. Hipertrofia Muscular como Tecnologia de Gênero na produção de masculinidades entre Homens Transexuais. **In: 38° Encontro Anual da ANPOCS**, 26 a 30 de outubro de 2015. Caxambu. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=9357&Itemid=461>. Acesso em: 30. Jul.2016.

TAHARA, A.K.; SCHWARTZ, G.M.; SILVA,K.A. Aderência e manutenção da prática de exercícios em academias. **R. bras. Ci. e Mov.** Brasília, v.11, n.4, p. 7-12, out./dez., 2003.

SOUSA, E.S.S; VIANA, A.J.B.; VALE, J. M.do. Os homens trans e a corporeidade: o complexo fenômeno da busca do sujeito social masculino.In: Brasil. Ministério da Saúde. **Transexualidade e Travestilidade na Saúde**. Brasília.p. 11-127. 2015.

4.2 Artigo 2 - MULHERES TRANS E ATIVIDADE FÍSICA: CONQUISTANDO O CORPO FEMININO

Artigo não submetido a nenhum periódico até o momento.

MULHERES TRANS E ATIVIDADE FÍSICA: CONQUISTANDO O CORPO FEMININO

RESUMO

Tendências de impacto mundial ligadas ao universo “*fitness*” tornaram-se preferência entre a população nas últimas décadas. Nesse contexto, produtos, técnicas e novas possibilidades para conquistar o corpo desejado têm surgido, transcendendo os interesses puramente biológicos da atividade física. Pensando nisto, este estudo buscou discutir a relação entre formas de moldar o corpo, com ênfase nas atividades físicas, adotadas por mulheres transexuais e o processo de “conquista” do corpo feminino. Participaram da pesquisa dez mulheres trans que fazem uso dos serviços oferecidos pelo Ambulatório de Saúde integral para Travestis e Transexuais na cidade de João Pessoa-PB, que foram submetidas a um questionário socioeconômico e uma entrevista semi-estruturada, ambos analisados com base na proposta fenomenológica de Bicudo (2011). Este estudo concluiu que as entrevistadas que praticam atividade física buscam o ganho de massa corporal na região dos glúteos e pernas e a definição do abdômen. Já as que não fazem atividade física, alegam ter medo de masculinizar o corpo e/ou não frequentar academias em virtude de preconceitos sofridos.

Palavras-chave: Mulheres Trans. Exercício Físico. Corpo.

WOMEN TRANS AND PHYSICAL ACTIVITY: ACHIEVING THE FEMALE BODY

ABSTRACT

Trends of global impact linked to the fitness world have become a preference among the population in these recent decades. In this context, products, techniques and new possibilities to achieve the desired body have emerged transcending the purely biological interests of physical activity. Thinking about this, this study discussed about the relationship between ways to shape the body, emphasizing the physical activities adopted by transsexual women and the process of "achieving" the female body. There were ten trans women who participated in this research and they use the services offered by the Total Health Care Ambulatory for Transvestites and Transsexuals in the city of João Pessoa-PB. They were submitted to a socioeconomic questionnaire and a semi-structured interview; both analyzed based on Bicudos's (2011) phenomenological proposal. This study concluded that the interviewees who practice physical activity look for the gain of body mass in the gluteal region and in the legs, and also the definition of the abdomen. Those who do

not do physical activity, say that they are afraid of masculinizing the body and / or not attending fitness centers because of the prejudices they suffer.

Keywords: Trans Women. Physical exercise. Body.

4.2.1 INTRODUÇÃO

Tendências de impacto mundial relacionadas ao universo “*fitness*”⁵ como emagrecer, enrijecer, fortalecer, definir e hipertrofiar tornaram-se preferência entre a população, bem como destaque na mídia e nas redes sociais nas últimas décadas. É sem precedentes o interesse popularizado por formas de modelar o corpo, com ênfase na definição muscular, nas academias de ginástica e espaços urbanos favoráveis à prática de atividade física. Em virtude disto, são oferecidos aos sujeitos cada vez mais recursos – produtos, técnicas, saberes, informações e tecnologias – para acelerar o processo de “conquista” do corpo desejado (LANDA, 2012). Em meio a esta gama de recursos, emergiram novas possibilidades e objetivos que transcendem os interesses puramente biológicos da atividade física.

Atividade física trata-se da realização de movimentos corporais que demandam um gasto energético acima do repouso (CARVALHO, 2006) e engloba diversas possibilidades como: jogos, lutas, danças, esportes, exercícios físicos, atividades laborais e deslocamentos (PITANGA, 2002). Este estudo opta pelo uso deste termo em detrimento de outros mais abrangentes, como “práticas corporais” (OLIVEIRA; VELOZO; SILVA, 2016), ou que demandem a sistematização assistida, o que caracteriza o “exercício físico”. Contudo, é necessário destacar que não são descartados aspectos culturais, psicológicos e sociais que permeiam não apenas as motivações que conduzem à prática, mas também as características da prática em si, pois, como lembra Foucault (2014) o corpo é investido por tensões e não deve ser pensando como centro de uma existência a priori, mas como objeto de modificação de si, perpassado por saberes e poderes que constantemente o ressignificam.

As atividades físicas possibilitam aos seus praticantes diversos benefícios, todavia, no contexto atual a sua procura tem sido associada de forma significativa a

⁵ De acordo com Furtado (2009) o termo *fitness* corresponde à prática de atividade física com ênfase no condicionamento físico, representa uma tendência com origem nas academias de ginástica e segundo o autor seria voltado para a dimensão biológica.

capacidade de remodelar corpos, direcionando-os para padrões específicos de corpo ideal. Tais padrões geralmente são construídos por associações de saberes médicos e corpos midiáticos virtuais⁶ (MALYSSE, 2007), que envolvem a ideia de normalidade em oposição à patologia, o sujo em oposição ao limpo, o belo e o feio, bem como outras oposições que beiram a crença maniqueísta e segregam a margem tudo que foge ao ideal hegemônico, como por exemplo, o corpo transexual. Nesse cenário de transformação de corpos emerge a figura da pessoa transexual, que pode ser considerada como símbolo de que o corpo é uma forma a ser transformada (LE BRETON, 2013).

Pensando nisso, este estudo levantou questões iniciais como: As mulheres trans praticam atividade física? Se não, por quê? Se sim, como? Em que espaços? Quais as suas motivações? Todas estas foram questões suscitadas a partir da possível relação entre a prática de atividade física e a conquista do “corpo feminino” pelas mulheres trans.

Quando se fala em pessoas transexuais, muitos discursos e teorias são evocados em torno do tema. Para fins desse estudo, entendemos a transexualidade como uma questão identitária, onde as pessoas buscam um reconhecimento social do gênero oposto ao do nascimento, não havendo relação com aspectos médicos e patologizantes (BENTO, 2006). O reconhecimento de que fala Bento passa também pelo corpo, não apenas por ele ser a forma do sujeito estar e interagir com o mundo, mas também por carregar as influências e códigos aos quais o sujeito foi submetido ao longo da sua vida.

Há diversas possibilidades de experiências e práticas de gênero, ao se falar em pessoas transexuais, podemos identificar duas experiências diferentes, os homens transexuais e as mulheres transexuais, referidas nesse estudo como mulheres trans. Consideramos homens transexuais pessoas que nascem mulher e buscam o reconhecimento social ao gênero masculino e mulheres transexuais as pessoas que nascem homem, mas demandam o reconhecimento social no gênero feminino (BENTO, 2012).

Quando uma pessoa se afirma mulher trans- quase sempre- ela vai à busca de recursos que a tornem cada vez mais feminina, transformando seus corpos, seus hábitos, suas roupas. Na esteira desse processo, os avanços da tecnologia muito

⁶ Malysse chama de corpos virtuais os corpos expostos na mídia, pensados e moldados com recursos tecnológicos para seduzir o consumidor/leitor/telespectador com uma ideia de perfeição física utópica.

têm acrescentado ao leque de possibilidades de mudanças corporais, rompendo com a ideia de que a anatomia é imutável, possibilitando alterações do sexo anatômico através de técnicas cirúrgicas (ELIAS, 2007). Entretanto, por vezes, esse não é o fim, nem o objetivo de muitas mulheres trans, que buscam outras opções de transformações corporais. “O gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada. São estes sinais exteriores, postos em ação, que estabilizam e dão visibilidade ao corpo” (BENTO, 2006, p. 90).

A busca por essa “estilística apropriada” é motivada pela vontade de ser aceita socialmente como mulher, ser reconhecida segundo o que ela deseja, e isso as motiva a procurar formas de moldar – também - a anatomia para “conquistar”⁷ o corpo feminino (ELIAS, 2007). Tal procura, acredita este estudo, visa não apenas o alcance da condição de mulher (trans), mas de mulheres (trans) com o máximo possível de características femininas.

Considerando tais informações, entende-se que as mulheres trans colaboradoras deste estudo podem, assim como qualquer outro segmento social, lançar mão dos benefícios da atividade física não apenas para a manutenção das condições de saúde, mas também por questões ligadas ao empoderamento, à sua aceitação social, ao reconhecimento da sua condição de mulher, etc.

Fazendo a relação dessa busca por mudar o corpo em busca de uma estilística feminina e da capacidade das atividades físicas remodelar corpos, este estudo buscou discutir a relação entre formas de moldar o corpo, com ênfase nas atividades físicas, adotadas por mulheres transexuais e o processo de “conquista” do corpo feminino.

4.2.2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa exploratória e adota uma perspectiva interpretativa fenomenológica, em que são estudados os significados

⁷ O termo conquistar utilizado neste estudo é empregado no sentido de evidenciar a batalha travada pelas mulheres trans para alcançarem seu ideal de corpo feminino – seja este baseado na mídia ou em qualquer figura feminina de referência – que vai desde da aceitação da condição de transexual até a medicação, passando pela adoção e incorporação de práticas, técnicas corporais e signos que culturalmente representam a figura da mulher feminina.

dos fenômenos, fatos, manifestações, vivências, ideias e sentimentos; na crença de que estes podem responder aos objetivos levantados (GASKELL; BAUER, 2012).

Participaram da pesquisa 10 mulheres trans que recebiam atendimento no Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais, localizado no anexo do Hospital Clementino Fraga na cidade de João Pessoa-PB. Os critérios de inclusão adotados foram: receber atendimento no referido Ambulatório e se identificar como mulher trans. Os critérios de exclusão adotados foram: deixar de participar de alguma etapa da pesquisa ou solicitar a exclusão das informações fornecidas à pesquisadora em qualquer etapa do estudo.

A fim de levantar elementos de análise para o estudo, foi utilizada como instrumento a entrevista do tipo semi-estruturada, que parte de perguntas previamente definidas a partir do objetivo da pesquisa, mas que possibilita a realização de novas perguntas conforme a demanda do campo (GIL et al., 2010) e um questionário socioeconômico, a fim de ter uma visão geral do grupo entrevistado.

Para a análise das falas obtidas, utilizamos a proposta de Bicudo (2011) que busca evidenciar os sentidos, efetuar sínteses de unidades de significado, bem como investigar as falas através de unidades de análise. Sua proposta recomenda quatro passos. O primeiro é a leitura atenta das falas obtidas realizando conexões entre as falas e o fenômeno estudado. O segundo é evidenciar os sentidos a partir das necessidades da questão estudada. O terceiro é definir as unidades de significado, unindo sentidos colocados em evidência e, por fim, o último passo é estabelecer as redes de significados.

Salienta-se que o presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, seguindo a Resolução Nº 466/13 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação em Fevereiro de 2016, obtendo assim Registro no CEP/CCS/ UFPB e CAAE de número: 50755715.7.0000.5188. Após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisas, demos início a realização das entrevistas e questionários, aplicados nas dependências do ambulatório, de forma individual em uma sala reservada.

E8	35	João Pessoa	M	F	Solteira	Ensino Médio Completo	Cabeleireira
E9	40	Guarabira	M	F	Solteira	Ensino Médio Incompleto	Cabeleireira/Doméstica
E10	45	Campina Grande	M	F	Casada	Ensino Técnico Completo	Do lar

Fonte: Dados do estudo

Seguindo o método proposto por Bicudo (2011), na primeira fase de análise ocorreu a leitura atenta das falas após a transcrição das entrevistas. No decorrer desta leitura foram pinçadas palavras-chave que faziam conexão com o objetivo do estudo. No segundo passo, foram evidenciados sentidos que possuíam correlação com as palavras-chaves (anteriormente pinçadas) que contribuíam para o esclarecimento do problema de pesquisa, passagens que tinham relação direta com o objetivo do estudo. No terceiro passo, foram estabelecidas e unidas as unidades de significado a partir das palavras mais representativas e recorrentes. Por fim, estabelecemos a rede de significados expressa na figura abaixo:

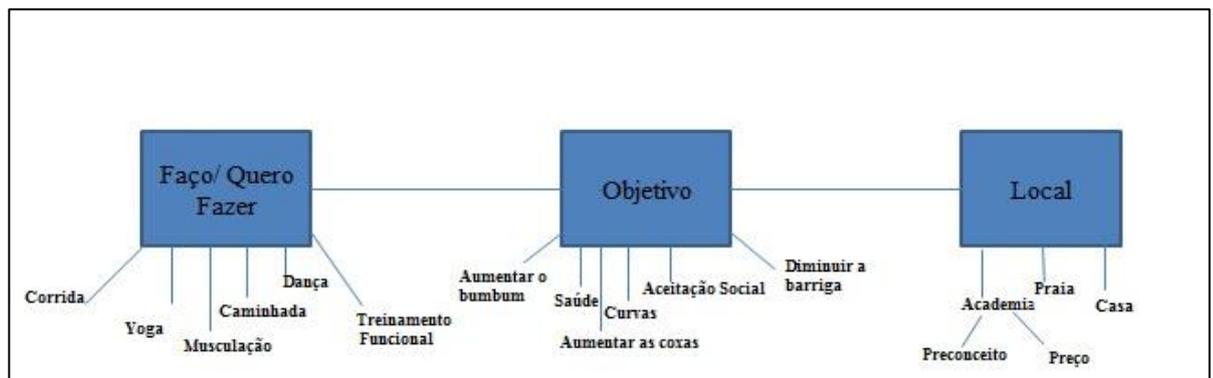


Figura 1- Rede de significados

A priori observa-se na figura 1 as atividades citadas pelas mulheres trans entrevistadas (corrida, yoga, musculação, caminhada, dança e treinamento

funcional). As motivações expostas possuem relação com o segmento *fitness*, porque visam condicionamento físico (segundo os objetivos de prática), ou envolvem saúde e aceitação social (entendido neste estudo como produto das modificações corporais alcançadas, pois, treinar por si só não garantirá aceitação). Como pode ser observado na unidade “objetivos”, a maioria dos relatos volta-se para a acentuação de algum elemento do corpo de forma específica. Elementos estes que este estudo associa a padrões de “corpo feminino” estabelecidos pela mídia, portanto, trata-se não apenas da conquista do “corpo feminino” enquanto figura anatômica/fisiológica desejada, mas também da possibilidade de ingressar em um sistema biopolítico que descarta corpos situados nas “liminaridades” ou fora dos padrões de normalidade (FOUCAULT, 2014).

Estudos como o de Teixeira e Caminha (2010), embora fora do universo transexual, discutiram anteriormente a relação entre corpo, biopoder e exercício físico. Não é novidade a afirmação de que em corpo dotado de características físicas consideradas saudáveis e ou esteticamente fortes (definição, rigidez, robustez, potência, etc) é visto como um corpo dotado de biopoder. Sabe-se ainda, seguindo as ideias, de Foucault (2014) que a conquista deste corpo poderoso também configura-se como forma de inclusão nos grupos sociais caracterizados pelo pertencimento ao modelo considerado hegemônico, em contrapartida, a punição (exclusão, segregação) também está intimamente relacionada à não-posse de elementos característicos das normas biopolíticas vigentes.

Em outros termos, ergue-se a premissa de que a atividade física tenha se tornado para os grupos segregados à margem (assim como é para os demais grupos), e entre eles inclui-se as mulheres transexuais, uma forma de conquista do corpo – feminino – ideal, e, portanto, de aceitação social. No contexto do universo transexual não se trata da mera instrumentalização do exercício físico, mas do seu papel no ingresso em um sistema binário que leva em conta também características físicas incorporadas através dos resultados obtidos pelos praticantes.

Os discursos das entrevistadas foram evocados em torno do que elas praticam ou desejam praticar em termo de atividades físicas, o objetivo delas com aquela prática e o local onde realizam ou desejam realizar.

Quando questionadas sobre as atividades físicas que realizam, poucas sinalizaram realizar alguma atividade física, como E3, E4 e E7, entretanto, muitas

têm o desejo de realizar, como E2, que diz: “O primeiro passo vai ser entrar na academia e ficar com o corpo de Gisele e um silicone de 400 ml, quase meio quilo. ”:

Eu não gosto de ter barriga, aí eu corro na praia, faço caminhada na praia, corro na areia. (E3)

Logo no começo eu já comecei a malhar, eu nunca malhei a parte de cima, gostei sempre de malhar a parte de baixo, perna/bunda, essas coisas assim! (E4)

Hoje em dia eu faço Yoga, quer dizer, há algum tempo eu faço Yoga. (E7)

Quando questionadas sobre os motivos que as fazem querer realizar alguma das atividades físicas por elas citadas, surge o discurso frequente:

A barriga. Definir a barriga e aumentar o bumbum. (E1)

Eu faço musculação para deixar as coisas dura. (E2)

Ter muitas curvas, muitas curvas! Que é o principal, principalmente a da cintura, a cintura é o ponto G, né? (E3)

Eu quero fazer mais pra perna e barriga, perder a barriga porque tô gorda demais,né? (E5)

Eu quero mais bunda e mais quadril. (E6)

Eu gostaria de ter mais peito, eu gostaria de ter mais bunda, eu gostaria de ter mais coxa, eu gostaria de tudo mais, entendeu? (E8)

Os discursos das entrevistadas representam um desejo por um modelo de corpo que para elas representa o feminino, um corpo com pernas grossas, quadril largo e cintura fina. Este padrão corrobora com o estudo de Goetz et al. (2008) que investigou as representações sociais do corpo veiculadas pela mídia impressa em revistas de circulação nacional e identificou que as mulheres dão ênfase ao trabalhar o corpo em partes como barriga, coxa, braço, cintura, costas e pernas. Percebemos assim, que o discurso da mídia tem grande influência nos modelos de corpos almejados pelas entrevistadas. As mulheres trans já têm representantes na mídia que ganharam visibilidade nacional, em uma rápida procura pela internet podemos encontrar em diferentes sites reportagens com mulheres trans que estão na mídia relatando como definiram seus corpos femininos através de atividades físicas⁸.

O objetivo das mulheres trans ao buscar as atividades físicas para transformar seus corpos não se limita apenas aos aspectos fisiológicos conquistados

⁸ Ver a matéria de Anny Ribeiro para o site Extra: “Transexual Thalita Zampirolli conta como esculpiu o corpo que conquistou Romário”. Ver a matéria de Luciana Tecidio “Conheça a transexual que é sócia da Bruna Marquesine” – Melissa paixão.

com as atividades físicas, mas também para corresponder a uma demanda social de busca por reconhecimento. Na fala da E6 isso fica nítido essa necessidade de aceitação:

A questão da coxa e do glúteo vai fazer bem tanto para mim mesma quanto socialmente. Por que eu entendi que ou você é homem ou você é mulher e se enquadre no contexto social. Eu não quero ser olhada como aberração, como diferente, eu não quero ser assim.

Na visão de Elias (2007, p. 128): “a transexual precisa ser não só a mulher ideal, mas também ter o corpo ideal, condição necessária para manter-se em um lugar também ideal na cultura em que se insere”. Deste modo, as atividades físicas funcionam como uma técnica produtora de sentido, transformando e inserindo esses corpos em contextos sociais.

Outro discurso recorrente entre as entrevistadas foi a importância – também – das atividades físicas para a saúde.

Quando a gente tá malhando tudo fica melhor. Você consegue trabalhar melhor, porque às vezes você pensa que subir um degrau é fácil, mas para quem tá sedentário é bem difícil. (E4)

É por questão de saúde mesmo, e gosto também, para não ficar tanto em casa, a pessoa fica em casa sem fazer exercício e fica preguiçosa. (E3)

Algumas entrevistadas relataram não realizar atividades físicas por não gostar dos resultados, associando a corpos masculinos:

A partir do momento que eu me assumi, querendo ter o corpo feminino, se eu for fazer musculação agora e pegar os pesos vai ficar aquela coisa, como aquelas mulheres musculosas e eu acho feio aquilo. (E5)

Para mim, uma perna feminina é uma perna feminina, não uma perna torneada que já tem uns traços masculinos, eu gosto do mais natural possível. (E7)

Nesses discursos o músculo é associado ao masculino por representar força e vitalidade, caso uma mulher desenvolva sua musculatura mais do que o limite aceito ela será desqualificada enquanto mulher (REGO, 2015). O fato das entrevistadas terem nascido com corpos biologicamente associados ao masculino faz com que esse receio seja desenvolvido frente às atividades que podem desenvolver suas musculaturas.

Ao investigar os locais em que essas atividades físicas são realizadas ou irão ser, surge à academia, a praia e a casa das entrevistadas. A casa das entrevistas pode não ser um local adequado para a realização de algumas das atividades físicas

citadas por elas, todavia, esse local surge em seus discursos justificado pela impossibilidade de pagar espaços especializados, como as academias.

Os hormônios são um pouquinho caro, entendeu? Aí eu tive que optar pelos hormônios e ficar sem malhar. Ou eu optava por um ou por outro, mas a minha vontade era fazer os dois porque ajuda bastante pela saúde e pelo corpo. (E4)

Outro motivo que afasta as entrevistadas dos espaços especializados é o preconceito sofrido por elas dentro desses espaços, como aponta E1 quando questionada sobre o porquê de não frequentar academia:

Porque apontam, olham! E tem máquinas que a gente não se adequa, não se sente bem. Tem academias só de mulheres que não nos aceitam, só de mulheres, mas, não aceitam trans e travestis. Para academia normal é muito complicado, tem que ser um horário bem vago porque eles olham, eles apontam (principalmente os homens) e é chato, a gente não se sente bem malhando, né!? (E1)

Esse discurso do preconceito relatado pela E1 é endossado pela E8 quando diz: “Eu morei em um bairro que tinha academia só para mulheres e eu fui lá me inscrever. A mulher disse que não! Que não tinha como eu fazer exercício lá porque não ia botar um homem junto com uma mulher. Aí eu disse: eu não sou homem, sou uma transexual. Uma trans como eu tem que está bem readequada para a academia receber, se não minha filha, ela não recebe não!”

Quando eu questiono a E1 alegando caso não existisse o preconceito, ela prontamente responde: “Ah! Com certeza. Todos os dias eu estaria malhando. Eu queria fazer aeróbica, localizada e circuito”.

A transfobia, entendida nesse estudo como o preconceito com pessoas trans, presente nestes espaços especializados, associada a falta de conhecimento e respeito com a identidade de gênero vivenciada pelas entrevistadas, faz com que elas se afastem desses espaços e sejam privadas de desenvolver atividades físicas com acompanhamento especializado. O corpo trans subverte a ordem binária dos sexos desconstruindo representações que normalizam corpo, gênero e sexualidade, colocando em questão o que os saberes médicos admitem como normal. Em virtude disto, este corpo não é considerado adequado para o espaço o qual reivindica pertencimento (GRESPLAN e GOELLNER, 2014).

Encontra-se neste ponto um paradoxo chave para o desenvolvimento deste estudo, e com o qual ele visa colaborar, que baseia-se nas negociações entre o que os saberes médicos consideram normal e o que a conquista do ideal de corpo feminino normal representa para os indivíduos teoricamente anormais. Trata-se por fim de tensões entre um modelo de “normalidade” estabelecido com base em índices

e crenças binárias e a construção - ou, como este estudo escolheu chamar, conquista – de um corpo feminino que já “nasceu” estigmatizado pelo rótulo de desviante ou anormal.

Acredita-se nesta pesquisa que o ideal de corpo feminino das mulheres trans esteja intimamente ligado à referências fornecidas pela mídia ou baseado em uma figura feminina próxima, alvo de imitação, aquilo que Marcell Mauss (1974) chamaria de imitação prestigiosa. Pois, assim como qualquer outro segmento social, as mulheres trans possuem interesses e motivações construídos ao longo da sua trajetória de vida, e, portanto, influenciados pelo contexto social, histórico e cultural ao qual pertencem.

A experiência das mulheres trans com as atividades físicas podem ser positivas e benéficas, se constituindo efetivamente como uma forma de significar e ressignificar o processo de autoidentificação de mulheres trans, conferindo visibilidade social através de transformações corporais que configuram a produção de uma identidade de mulher trans. Todavia, essa experiência também pode ser marcada por preconceitos e traumas que só endossam a marginalização por parte da sociedade dessas identidades “destoantes” da ordem binária dos sexos.

4.2.4 CONCLUSÃO

O cenário atual é marcado por um aumento na oferta e demanda de atividade física. Este aumento pode ser justificado por diversos motivos, que vão desde a procura por manutenção da saúde até a busca pela alta *performance*, mas todos encontram-se frequentemente balizados por um modelo hegemônico vigente de saúde e beleza. Tal modelo é veiculado pela mídia através de revistas, televisão, rádio e internet e atinge os mais diversos públicos, classes e faixas etárias.

Hoje, mais do que nunca, o corpo vem perdendo sua rigidez e tornando-se flexível, mutável, se adaptando e se construindo frente ao tempo e suas circunstâncias. Mais do que um conjunto de componentes anatomo-biológicos, o corpo é o que o adorna, as intervenções que nele atua, a imagem que dele é produzida, as tecnologias que nele se adere, os sentidos que nele se incorporam e os sinais que nele se exibem.

As atividades físicas podem ser consideradas como um recurso a disposição de corpos que querem ser moldados. Nesse cenário, emerge as mulheres trans com seus corpos em processo de mudanças recorrendo a esse recurso para moldar o corpo fisiologicamente buscando serem aceitas socialmente.

Ao transformar corpo, a pessoa tenta conter tudo o que foge ao seu controle na vida social; escolhendo uma nova forma física que caracterize como ela se identifica. As mulheres trans buscam na atividade física a possibilidade de potencializar características femininas em seus corpos, apoiadas no discurso da mídia que divulga o modelo de corpo feminino, aquele que tem cintura fina, quadril largo e perna grossa.

No lado oposto desse processo, encontra-se um grupo de mulheres trans que associam a hipertrofia da musculatura a masculinidade e evitam realizar qualquer atividade que possa contribuir para a masculinizar seus corpos. O corpo trans a todo tempo é comparado, podendo ser classificado ou não dentro do que é considerado feminino e ideal.

Uma discussão que não pode deixar de ser realizada é a necessidade de dissipar qualquer forma de preconceito com as mulheres trans dentro de espaços especializados para a prática de atividades físicas, sejam públicos ou privados. Não se pode deixar a margem uma população que deseja, tem o direito e a necessidade de realizar atividades físicas com orientação profissional.

O presente estudo se deteve a investigar a relação das mulheres trans com as atividades físicas no processo de mudanças corporais, todavia, os discursos se deram fora do ambiente que elas realizam essas práticas, sugerimos a realização de outros estudos dentro desses ambientes para que possam ser observados outros fatores que possam contribuir como o resultado da pesquisa, bem como ser analisado o discurso do profissional envolvido.

REFERÊNCIAS

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 10, p. 2655-2664, Oct. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

81232012001000015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 out. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012001000015>.

BICUDO, M. A. V. **Pesquisa qualitativa e pesquisa qualitativa segundo a abordagem fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.

CARVALHO, Y.M. Promoção da saúde, Práticas Corporais e Atenção Básica. **Revista Brasileira Saúde da Família**. Brasília, p. 33-45, 2006. Disponível em : <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/periodicos/saudefamilia/revista_saude_familia11.pdf>. Acesso em: 14. Set. 2016.

ELIAS, V. de A. O corpo além do corpo: os reflexos da (im) possibilidade. **Epistemo-Somática**, Belo Horizonte, v.IV, n. 1, p. 119-136, jan./jul., 2007.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Leya, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

FURTADO, R. P. Do fitness ao wellness: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Pensar a prática**, v. 12, n. 1, 2009. Disponível em: <http://boletimef.org/biblioteca/2490/artigo/boletimef.org_do-fitness-ao-wellnes-desenvolvimento-das-academias-de-ginastica.pdf>

GASKELL, G.; BAUER, M. W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GIL, J.M.S.; et al. Pesquisa qualitativa na Educação Física - Alternativas Metodológicas. 3 ed. MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS. A. S. (org). Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

GOELLNER, S.V.; FIGUEIRA, M. L. M. CORPO E GÊNERO: a revista capricho e a produção de corpos femininos. **Motrivivência**, ano XIII, n. 19, dez. 2002.

GOETZ, E. R.; CAMARGO, B. V.; BERTOLDO, R. B.; JUSTO, A. M. Representação social do corpo na mídia impressa. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n.2, p.226-236, 2008.

GRESPLAN, C.L.; GOELLNER, S.V. Fallon Fox: Um corpo *queer* no octógono. **Movimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1265-1282, out./dez. de 2014.

LANDA, M.I. Os corpos da liderança: As tramas da ficção do dispositivo cultural do fitness. **Cad. Cedes**, Campinas, v.32, n.87, p. 223-233, mai.-ago. 2012.

LE BRETON, D. **Adeus ao Corpo**. 6.Ed. São Paulo: Papyrus, 2013.

MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. [Tradução: Fernanda Abreu] In: GOLDENBERG, M. (org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, p.79-137, 2007.

MAUSS, M. **As técnicas corporais. Sociologia e antropologia.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

OLIVEIRA, R. C.; VELOZO, E. L.; SILVA, C. L. Cultura, atuação profissional em educação física e as práticas corporais. **Impulso**, v. 26, n. 66, p. 7-19, 2016.

PITANGA, F.J.G. Epidemiologia, atividade física e saúde. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.** Brasília, v.10, n. 3, p.49-54, Jul, 2002.

REGO, F.C.V.S.do. Hipertrofia Muscular como Tecnologia de Gênero na produção de masculinidades entre Homens Transexuais. **In: 38° Encontro Anual da ANPOCS**, 26 a 30 de outubro de 2015. Caxambu. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=9357&Itemid=461>. Acesso em: 30. Jul.2016.

TAHARA, A.K.; SCHWARTZ, G.M.; SILVA,K.A. Aderência e manutenção da prática de exercícios em academias. **R. bras. Ci. e Mov.** Brasília, v.11, n.4, p. 7-12, out./dez., 2003.

TEIXEIRA, F.L.S.; CAMINHA, I.O. A supervitalidade como forma de poder: um olhar a partir das academias de ginástica. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 201-218, jun. 2010. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/12295>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

4.3 Artigo 3 - ESPORTE, ATIVIDADE FÍSICA E TRANSFOBIA

ESPORTE, ATIVIDADE FÍSICA E TRANSFOBIA

RESUMO

Atitudes de discriminação contra pessoas transexuais se transformam num comportamento de intolerância, que se constitui numa transfobia. A população trans é alvo de uma aversão que se manifesta em diferentes espaços sociais. Um desses espaços é onde ocorrem práticas de atividades físicas e esportivas. Nesta perspectiva, este estudo buscou analisar o sofrimento das pessoas transexuais durante a prática de atividades físicas ou esportivas. Participaram 8 homens trans e 10 mulheres trans que fazem uso dos serviços oferecidos pelo Ambulatório de Saúde integral para Travestis e Transexuais na cidade de João Pessoa-PB, que foram responderam a um questionário socioeconômico e participaram de a uma entrevista semi-estruturada, analisados com base na perspectiva fenomenológica. Este estudo concluiu que um número significativo de entrevistados sofre ou já sofreu algum tipo de discriminação dentro de espaços que oferecem atividades físicas e/ou durante a prática de atividades físicas, bem como em competições esportivas. Tal discriminação aparece no estudo como motivo, em muitas ocasiões, para o abandono dessas práticas.

Palavras-chaves: Transexuais. Atividade Física. Esporte. Transfobia.

SPORT, PHYSICAL ACTIVITY AND TRANSPHOBIA

ABSTRACT

Attitudes of discrimination against transsexual people become an act of intolerance, which is considered transphobia. The trans population is a target of a loathing that manifests itself in different social spaces. One of these spaces is where practices of physical and sport activities occur. In this perspective, this study had as an objective to analyze the suffering of transsexual people during the practice of physical or sports activities. There were 8 trans men and 10 trans women who participated in this research and they use the services offered by the Total Health Care Ambulatory for Transvestites and Transsexuals in the city of João Pessoa-PB. They were responded to a socioeconomic questionnaire and a semi-structured interview; they were analyzed based on a phenomenological perspective. This study concluded that a significant number of interviewees suffers or has already suffered some kind of discrimination in spaces that offer physical activities and / or during physical activities, and in sports competitions as well. Such discrimination appears in this study as the reason, in many occasions, for abandoning these practices.

Keywords : Transsexual. Physical Activities. Sport. Transphobia.

4.3.1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a visibilidade das pessoas transexuais - compreendidas nesse estudo como pessoas que demandam um reconhecimento social no gênero oposto ao do nascimento (BENTO, 2006) - vêm aumentando em todos os setores da sociedade por meio de debates políticos, sociais e acadêmicos sobre a transexualidade (PETRY, MEYER, 2011). Essas discussões vêm se tornando mais consistentes, podendo ser associadas à necessidade de se discutir o sofrimento das pessoas transexuais por serem alvos de discriminações em diferentes contextos sociais.

Uma dessas questões é a transfobia, que pode ser entendida como “a aversão ou discriminação contra pessoas trans (transgêneros, transexuais ou travestis)” (GRESPLAN, GOELLNER, 2014 b, p.9). A transfobia pode ser praticada em diversos níveis e estâncias que vão desde a privação de direitos fundamentais, bem como a violências variadas como agressões e homicídios.

O problema da transfobia se constitui em virtude da heteronormatividade, que dita regras sobre os corpos e as sexualidades, considerando que tudo o que foge às regras tradicionalmente aceitas é anormal e necessita ser reprimido. Essa ordem que busca a coerência entre corpo, sexo e gênero é um ato performativo que marginaliza a existência de outras possibilidades (GRESPLAN, GOELLNER, 2014 a).

Se opondo as normas, a transexualidade não cabe em nenhum modelo proposto pelas práticas discursivas do século XIX, restando a ela ter que se enquadrar no lugar proposto pela psiquiatria tradicional, o de tornar-se vítima de uma patologia da identidade sexual (ÁRAN et al., 2009).

A psiquiatria tradicional compreende a transexualidade como uma doença. Sua inclusão no Código Internacional de Doenças (CID) se deu em 1980 (BENTO, 2014). Uma das definições mais utilizadas é que a pessoa transexual possui “disforia de gênero”, segundo essa definição, a transexualidade é a forma mais extrema de distúrbio da identidade sexual, não havendo coerência entre o sexo anatômico e a identidade de gênero (ATHAYDE, 2001).

É preciso, portanto, flexibilizar as fronteiras impostas pela heteronormatividade para que “a transexualidade possa habitar o mundo viável da sexuação e sair do espectro da abjeção [...] Desse modo, estaremos mais livres para

compreender as diversas formas de identificação e de subjetivação possíveis na transexualidade” (ÁRAN, 2006, p. 59).

Outra questão discutida por especialistas e leigos com relação às pessoas transexuais é a inserção delas em competições esportivas oficiais, segundo sua identidade de gênero. Para Grespan e Goellner (2014,a, p.1278):

Os esportes, assim como outras práticas sociais, é um local de disputas de saberes e poderes que definem e delimitam padrões de normalidade sobre a aparência dos corpos, o exercício da sexualidade e a experimentação das representações de gênero.

As instituições responsáveis pela legislação esportiva categorizam de maneira genereficada as competições, dividindo-as em masculinas e femininas, reafirmando o processo heteronormativo nesses espaços, que tem como modelo o homem forte, viril e competitivo (GRESPLAN; GOLLNER, 2014b). Todavia, esse modelo vem a cada dia mais tendo que coexistir com uma inserção maior das mulheres e da população LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) no esporte, modificando a lógica do sistema esportivo de ordem heteronormativa (CHAVES, ARAÚJO, 2015).

O COI (Comitê Olímpico Internacional), no ano de 2016, deu um grande passo na direção de promover a igualdade das pessoas transexuais, liberando a sua participação em competições oficiais, iniciando nos jogos Olímpicos Rio 2016, com a única restrição de que, nas competições femininas, as atletas deveriam comprovar estar com as taxas hormonais dentro do nível permitido; não havendo restrições para as competições masculinas⁹. Antes dessa alteração, as pessoas transexuais só podiam competir caso houvessem realizado a cirurgia de mudança de sexo. Uma justificativa para essa prerrogativa era pautada no discurso biológico, que se restringe às explicações sobre o comportamento do corpo humano pautado na sua fisiologia e anatomia ou no seu funcionamento baseado na constituição celular e genética, desconsiderando qualquer outro aspecto (GRESPLAN; GOELLNER, 2014a). Seguindo a lógica dessa prerrogativa, as mulheres transexuais teriam algum tipo de vantagem sob suas adversárias em virtude do seu corpo ser masculino, biologicamente falando.

⁹ Ver matéria de Gustavo Zucchi para o site do Estadão: “COI muda regra e permiti atletas transgêneros na Olimpíada”.

Para a população transexual, as alterações promovidas pelo COI auxiliam na ampliação de sua inserção em todas as esferas e espaços, dissipando mais uma barreira de exclusão e possibilitando o acesso a competições de alto nível por atletas transexuais. Situações como essa, eram impensáveis há anos atrás, todavia, tem se tornado mais frequente no esporte profissional em virtude de avanços científicos e sociais (CHAVES; ARAÚJO, 2015).

Além dos esportes, as pessoas transexuais estão buscando outras atividades físicas para praticar. Compreendemos a atividade física como o uso de movimentos que mobilizem um gasto energético acima do repouso (CARVALHO, 2006). Esta busca pode ser justificada por diversos motivos, um deles é a busca por mudanças corporais que permita a pessoa transexual ser aceita por si mesma e socialmente dentro da cultura em que se insere (ELIAS, 2007). A prática de atividades físicas se constitui efetivamente como forma de significar e ressignificar o processo de autoidentificação das pessoas transexuais.

Compreendendo que as pessoas transexuais fazem uso das atividades físicas e esportivas para modelar seus corpos conforme seus desejos transgêneros, propõe-se analisar o sofrimento das pessoas transexuais por serem alvos de transfobia durante a prática de atividades físicas ou esportivas.

4.3.2 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa exploratória e adota uma perspectiva interpretativa fenomenológica, em que são estudados os significados dos fenômenos, fatos, manifestações, vivências, ideias e sentimentos; na crença de que estes podem responder aos objetivos levantados (GASKELL; BAUER, 2012).

Os sujeitos sociais da pesquisa foram 8 homens trans e 10 mulheres trans que recebiam atendimento no Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais, localizado no anexo do Hospital Clementino Fraga na cidade de João Pessoa-PB. O critério de inclusão adotado foi se identificar como homem trans ou mulher trans, o critério de exclusão foi deixar de participar de alguma etapa da pesquisa ou não entregar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado.

A fim de levantar elementos de análise para o estudo, utilizamos a entrevista do tipo semi – estruturada que parte de perguntas previamente definidas a partir do

objetivo da pesquisa, mas que possibilita a realização de novas perguntas conforme a necessidade surgida em campo (GIL et al., 2010), e um questionário socioeconômico a fim de ter uma visão geral do grupo entrevistado.

Salienta-se que o presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro das Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, seguindo a Resolução Nº 466/13 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação em Fevereiro de 2016, obtendo assim Registro no CEP/CCS/UFPB e CAAE de número: 50755715.7.0000.5188. Após a autorização do Comitê de Ética em pesquisas, iniciou-se a realização das entrevistas e questionários, aplicados nas dependências do ambulatório, de forma individual em uma sala reservada.

Para a análise das falas obtidas, utilizamos a análise fenomenológica, proposta de Bicudo (2011), que busca evidenciar os sentidos, efetuar sínteses de unidades de significado, bem como analisar as falas através de categorias de análise. Sua proposta recomenda quatro passos. O primeiro corresponde à leitura atenta das falas obtidas realizando conexões entre elas e o fenômeno estudado. O segundo é evidenciar os sentidos a partir das necessidades da questão estudada. O terceiro é definir as unidades de significado, unindo os diferentes sentidos colocados em evidência. Por fim, o último passo é estabelecer as redes de significados.

4.3.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na tentativa de traçar um panorama mais amplo dos colaboradores deste estudo, facilitando assim a compreensão das falas analisadas, o quadro abaixo sintetiza as informações obtidas na aplicação do questionário socioeconômico.

Quadro geral dos entrevistados (as)

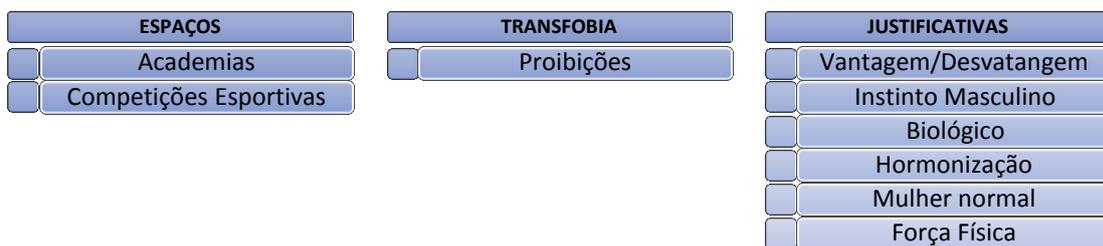
Entrevistados	Idade	Naturalidade	Sexo de Nascimento	Identidade De Gênero	Relacionamento	Escolaridade	Profissão
E1	37	Pombal	M	F	Casada	Ensino Fundamental Incompleto	Forneira
E2	37	Salgado de São Félix	M	F	Solteira	Ensino Médio Completo	Cabeleireira
E3	22	João Pessoa	M	F	Solteira	Ensino Técnico Completo	Técnica em Radiologia
E4	22	João Pessoa	M	F	Casada	Ensino Médio Incompleto	Estudante e Diarista
E5	26	João Pessoa	M	F	Namorado	Ensino Técnico Completo	Técnica de Enfermagem
E6	32	Bayeux	M	F	Solteira	Ensino Fundamental Incompleto	Cabeleireira/Cozinheira/Bordadeira
E7	29	Campina Grande	M	F	Casada	Pós-Graduação incompleta	Estudante
E8	35	João Pessoa	M	F	Solteira	Ensino Médio Completo	Cabeleireira
E9	40	Guarabira	M	F	Solteira	Ensino Médio Incompleto	Cabeleireira/Doméstica
E10	45	Campina Grande	M	F	Casada	Ensino Técnico Completo	Do lar
E11	32	João Pessoa	F	M	Casado	Ensino Médio Completo	Comerciante
E12	20	Patos	F	M	Solteiro	Ensino Médio Incompleto	Estudante
E13	24	Piauí	F	M	Solteiro	Ensino Médio Completo	Atendente de Telemarketing
E14	28	São Paulo	F	M	Solteiro	Ensino Superior Incompleto	Garçom
E15	28	Natal	F	M	Solteiro	Ensino Superior completo	Assessor Jurídico
E16	20	João Pessoa	F	M	Casado	Ensino Superior Incompleto	Atendente de Loja
E17	18	João Pessoa	F	M	Solteiro	Ensino Médio Completo	Estudante
E18	23	João Pessoa	F	M	Solteiro	Ensino Médio Incompleto	Desempregado

Fonte: Dados do Estudo

Seguindo o método proposto por Bicudo (2011), após a transcrição, realizamos a leitura atenta das falas, nessa leitura grifamos palavras-chave ligadas ao objetivo do estudo. No segundo passo, evidenciando os sentidos a partir do

objetivo, sublinhando passagens que tinham relação direta com o objetivo do estudo. No terceiro passo, estabelecemos e unimos as unidades de significados a partir das palavras mais representativas e recorrentes. Por fim, estabelecemos a rede de significados expressa na figura abaixo:

Figura - Rede de Significados.



Colocar um corpo transexual em espaços tão generificados evocam reações diversas. A luta entre Fallon Fox (atleta trans de MMA) e Allana Jones (mulher biológica) é um exemplo dessa afirmação. A luta foi amplamente divulgada, noticiada e provocou diversas reações, especialmente de cunho negativo (GRESPLAN; GOELLNER, 2014^a).

Os discursos dos entrevistados (as) foram com base em suas experiências e suas opiniões acerca da transfobia sofrida durante a prática de atividades físicas e/ou nos espaços destinados a essas práticas. E12 e E15 tiveram experiências no âmbito esportivo, no atletismo e karatê respectivamente. O que tem de comum em seus discursos é o fato de que os dois foram proibidos de competir segundo suas identidades de gênero, masculina.

Competia na categoria feminina, não tinha para onde correr, não tinha como. Lógico que já teve confusão. Uma vez eu tinha o cabelo curto, ai eu tava batendo nas meninas e o povo na arquibancada: “ah, é muito fácil, botam um menino para competir com uma menina. [E15]

Eu pratiquei atletismo. Ganhei duas vezes em Patos e fiquei em segundo lugar em Campina Grande nos jogos Paraibanos. [Tu já se identificava como homem trans?] Já, mas não aceitavam que eu competisse com homens.

[Você sofreu algum tipo de preconceito?] Sim, me tratavam sempre no feminino, me chamavam de “fulana”. [Mas, a tua aparência já era masculina?] Sim, desde pequeno eu sempre demonstrei jeito de menino. Minha mãe mesmo me dizia que colocava calcinha em mim e eu tirava e chorava muito. [E12]

Através dos relatos percebemos uma resistência por parte das organizações de competições esportivas de aceitar a participação de pessoas trans segundo suas identidades de gênero. Essas instituições generificam as competições, categorizando-as em “femininas” e “masculinas” (GRESPLAN; GOELLNER, 2014 b). Desta maneira, é imposto as pessoas trans competirem segundo seu sexo biológico, desconsiderando todos os fatores psicológicos e sociais, levando em conta apenas aspectos relacionados ao genótipo, se fundamentando no discurso biológico e no saber médico.

Na Califórnia, uma atleta trans foi proibida de participar de uma competição de Cross Fit, mesmo realizando a terapia hormonal e já tendo se submetido à cirurgia de mudança de sexo¹⁰. Há uma resistência de aceitar as pessoas trans dentro dos espaços esportivos, como se estes espaços não fossem legítimos para eles (CHAVES; ARAÚJO, 2015).

Uma possibilidade de mudança desse cenário emergiu este ano quando o COI autorizou a participação de atletas trans segundo sua identidade de gênero sem a obrigatoriedade da cirurgia de mudança de sexo. Um órgão tão importante para o âmbito esportivo reconhecer a possibilidade de inserção das pessoas trans em competições esportivas oficiais de alto rendimento desperta a esperança de que outras instituições, responsáveis por outras competições, revejam o seu regulamento em relação às especificidades das pessoas trans.

O discurso biológico é tão forte e tão divulgado, que é reproduzido no discurso dos próprios entrevistados, como na fala de E9 e E14, respectivamente, quando questionados (as) se haveria alguma vantagem/desvantagem em homens e mulheres trans competirem segundo suas identidades de gênero:

Acho que tem vantagem, querendo ou não ela já tem o instinto masculino, né? E homem em relação à mulher sempre leva vantagem em questão de força física mesmo.

¹⁰ Ver a matéria do site da Bol: Crossfit proíbe transexual de competir entre mulheres e é processado.

Não sei, eu posso falar por mim. Quando você fala em competição, a primeira coisa que eu lembrei foi do jogo de futsal, por que eu cheguei a jogar futsal também. Geralmente as mulheres (biologicamente falando) tem uma estatura mais baixa, então para ser goleiro já fica em desvantagem, você ter 1.59 cm de altura e ficar no gol é complicado, principalmente se for para o gol de campo, esquece, impossível! Então eu acho que nesse sentido às vezes pode ter desvantagem.

Essas falas nos levam a reflexão de como o discurso biomédico contribui para a manutenção da heteronormatividade, que tem força e se propaga pelas próprias pessoas trans, mesmo sem perceber.

Outro grupo de entrevistados se opõe a esse argumento biomédico e defendem a legitimidade da presença das pessoas trans dentro dos esportes, como podemos ver nas falas de E5 e E9:

Acho natural, não acho que leva vantagem não! Ela não tá caracterizada como mulher? Ela não é feminina? Acho que não precisa especificar diretamente o que ela foi, até por que na hormonização ela perde tudo isso, a gente não é a mesma coisa. Toda vantagem que um homem tem de força, de tudo, ela perde.

Eu acho correto, não é porque é trans ou travesti que vai ser excluído de um esporte que só é praticado por mulheres biológicas. É porque esse pessoal bota na cabeça que mulher trans é a mesma coisa que homem, que tem mais força, mas, não, a mulher trans é normal como uma mulher normal mesmo.

Esse grupo se contrapõe ao discurso biomédico, fazendo uso também de argumentos biológicos para justificar a legitimidade da participação de pessoas trans em competições segundo suas identidades de gênero. A força do discurso biológico é utilizada tanto para inviabilizar quanto para possibilitar o acesso a competições esportivas. No estudo de Grespan e Goellner (2014 a, p. 1268), elas descrevem a justificativa de uma advogada de uma atleta transexual a fim de se contrapor ao discurso de proibição dizendo:

A mulher transexual é uma mulher que, no processo de resignificação, ingere bloqueio de hormônios (testosterona), ou seja, ela tem menos testosterona em seu organismo do que as suas concorrentes, demandando maior treinamento para manter a massa muscular e a força do que uma atleta mulher nascida fêmea.

Constatamos também que além das práticas esportivas, a busca por realizar outras práticas, dentro das possibilidades das atividades físicas, trazem também situações constrangedoras marcadas pelo preconceito e pela exclusão das pessoas trans. Ao questionar o grupo entrevistado sobre os motivos que os levam a não

praticarem atividades físicas, uma das justificativas mais recorrentes é a transfobia, como podemos constatar nas falas da E1 e E8:

Porque apontam, olham! E tem máquinas que a gente não se adequa, não se sente bem. Tem academias só de mulheres que não nos aceitam, só de mulheres, mas, não aceitam trans e travestis. Para academia normal é muito complicado, tem que ser um horário bem vago porque eles olham, eles apontam – principalmente os homens- e é chato, a gente não se sente bem malhando, né!?

Eu morei em um bairro que tinha academia só para mulheres ai eu fui lá me inscrever. A mulher disse que não! Que não tinha como eu fazer exercício lá porque não ia botar um homem junto com uma mulher. Ai eu disse: eu não sou homem, sou uma transexual. Uma trans como eu tem que tá bem readequada para a academia receber, se não minha filha, ela não recebe não!

Nesses espaços especializados, como as academias citadas pelos entrevistados(as), as pessoas trans vão à busca, entre tantos motivos, de mudanças corporais que elas acreditam que possam ser alcançadas através das atividades físicas oferecidas por esses espaços, na intenção de modificar seus corpos e consequentemente seu sentimento de identidade e a maneira de olhar sobre si e o olhar dos outros sobre si (LE BRETON, 2013). Entretanto, elas encontram um espaço hostil e preconceituoso que reiteram as normas heteronormativas e marginalizam essas pessoas.

A negação de acesso a esses espaços é feita de duas maneiras, a primeira de forma explícita, quando proíbem que as mulheres trans sejam alunas de academias destinadas ao público feminino. Isso reitera, mais uma vez, que a concepção biológica tem uma grande influência, já que essa proibição desconsidera qualquer outro aspecto, levando em conta apenas os aspectos biológicos para definir uma pessoa como mulher/homem ou não.

A segunda é quando as pessoas trans tem acesso a alguns desses espaços, mas dentro deles são excluídas e discriminadas, levando ao abandono da prática de atividades físicas em espaços especializados e com profissionais da área. Essas formas de transfobia nos faz perceber como essas pessoas ainda são marginalizadas e excluídas.

As instituições sociais produzem e reproduzem as margens através de duas táticas simultâneas: pela exposição discursiva daqueles que estão fora das normas de gênero, através das reiterações prescritivas, dos insultos e pelo ocultamento, a invisibilização (BENTO, 2014, p. 261).

As instituições sociais, desenhadas por um enquadramento heteronormativo, rejeitam qualquer inclusão social que possa perturbar a ordem estabelecida e consolidada socialmente. Para fazer prevalecer e preservar esse enquadramento heteronormativo, a tendência das instituições é fortalecer discursos que revelem sentimentos de medo, temor, repugnância, ódio e preconceitos com relação às pessoas trans. Nesse caso, as pessoas trans ficam expostas às situações constrangedoras e repressoras. Outra forma das instituições se manifestarem é fazer silêncio e deixar as pessoas trans desprovidas de direitos e no ostracismo público. Desse modo, essas pessoas ficam socialmente mais vulneráveis e estigmatizadas pelo preconceito social.

4.3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, as pessoas trans vêm conquistando uma visibilidade jamais vista antes. Junto com essa visibilidade elas vêm reivindicando a sua presença legitimada em espaços marcados pela separação por gênero, causando tensões com as normas pautadas na heteronormatividade.

Já pode se notar avanços por parte dessas reivindicações. A alteração do COI, por exemplo, em seu regimento foi um grande passo para legitimar o acesso de pessoas trans em competições esportivas de grande reconhecimento internacional, mas, ainda há muito a ser feito. Ainda há, por parte da população, de maneira geral, muito preconceito e restrição ao acesso de pessoas trans a determinados espaços no âmbito do esporte de outras atividades físicas. O argumento mais utilizado para “justificar” esse preconceito é baseado nos aspectos biológicos, que se restringem as explicações sobre o comportamento do corpo humano, considerando a sua fisiologia e anatomia, e tendo como princípio o funcionamento do corpo baseado na constituição celular e genética, desconsiderando qualquer outro aspecto. Ou seja, nessa visão, é inconcebível que um corpo biologicamente masculino possa competir de forma igualitária com um corpo biologicamente feminino e vice versa. Essa possibilidade tensiona o “normal” caracterizado pelos saberes biomédicos, sendo considerada inadequada ao espaço em se busca o pertencimento.

Essas situações nos levam a refletir o quanto a Educação Física – como área de estudo e de atuação – precisa se ater de maneira efetiva a essa população e as

suas especificidades, assumindo a sua responsabilidade social e compreendendo as diversas formas de expressões de masculinidades e feminilidades dentro dos seus contextos para assim tentar acabar com a transfobia dentro dos seus espaços e acolher de maneira efetiva as pessoas trans.

Como limitação do estudo, apontamos o fato das entrevistas terem sido realizadas em um ambiente não associado diretamente à prática de atividades físicas e esportivas. Sugerimos a realização de outros estudos dentro desses ambientes para que seja possível ser observados outros fatores que possam contribuir com o resultado da pesquisa, bem como ser analisado o discurso do profissional de Educação Física diretamente implicado como educador.

REFERÊNCIAS

ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Âgora**, Rio de Janeiro, v.9, n.1,p.49-63, jan./jun. 2006.

ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela; LIONÇO, Tatiana. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n.4, p. 1141-1149, jul./ago. 2009.

ATHAYDE,A.V.L. de. Transexualismo Masculino. **ArqBrasEndocrinolMetab.** v.45, n.4, p.407-414. Ago. 2001.

BENTO, B.**A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO,B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** 2º ed. Natal: EDUFRN, 2014.

BICUDO, M. A. V. **Pesquisa qualitativa e pesquisa qualitativa segundo a abordagem fenomenológica.** São Paulo: Cortez, 2011.

CARVALHO, Y.M. Promoção da saúde, Práticas Corporais e Atenção Básica. **Revista Brasileira Saúde da Família.** Brasília, p. 33-45, 2006. Disponível em :<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/saudefamilia/revista_saude_familia11.pdf>. Acesso em: 14. Set. 2016.

CHAVES, P.N; ARAÚJO, A.C.de. Pensando o corpo travestido e transexualizado no esporte: uma análise da película Beautiful Boxer. **Motrivivência.**v.7, n. 45, p. 219-229, set. 2015.

ELIAS,V.de A.O corpo além do corpo: os reflexos da (im) possibilidade. **Epistemo-Somática**, Belo Horizonte, v.IV, n. 1, p. 119-136, jan./jul., 2007.

GASKELL, G.;BAUER, M. W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GIL, J.M.S.; et al. **Pesquisa qualitativa na Educação Física - Alternativas Metodológicas**. 3 ed. MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS. A. S. (org). Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

GRESPLAN, C.L.; GOELLNER, S.V. Fallonfox: um corpo queer no octógono. **Movimento**. Porto Alegre, v.20, n.4, p. 1265-1282, out./dez. 2014 a.

GRESPLAN, C.L.; GOELLNER, S.V. As Mulheres no octógono: esportes e atravessamentos de fronteiras. **In: VII CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**, 25 a 27 de setembro de 2014 b. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/viewFile/5940/3236>. Acesso em: 14. Nov.2016.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v.10, n.1, p.193-198, jan./jul. 2011.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendências de impacto mundial ligadas ao universo “*fitness*” tornaram-se preferência entre a população nas últimas décadas. Nesse contexto, produtos, técnicas e novas possibilidades para conquistar o corpo desejado têm surgido transcendendo os interesses puramente biológicos da atividade física.

Na esteira desse processo, os corpos trans vêm superando barreiras sociais a fim de ter acesso a essas e outras tecnologias que possibilitem aos seus corpos as mudanças que almejam, sejam elas fisiológicas ou socioculturais. Esses corpos que confundem os limites entre o natural e o tecnológico, entre o real e o fictício fazem com que as normas de gênero sejam repensadas já que elas não conseguem alcançar um consenso absoluto na vida social.

Os resultados dessa pesquisa revelaram que as pessoas trans, atentas ao discurso da mídia e com objetivos estéticos e socioculturais, vêm recorrendo às atividades físicas como uma tecnologia de mudança corporal que as insere socialmente produzindo o design corporal de um gênero com o qual se identifica. Além disso, essas práticas são fontes de afirmação pessoal que legitimizam masculinidades e feminilidades.

Os homens trans praticam atividades físicas que possibilitem mudanças corporais que masculinizem seus corpos e os insiram dentro do contexto social da masculinidade, sendo de forma mais recorrente a prática da musculação e de lutas.

As mulheres trans buscam atividades, na maioria das vezes, que possam potencializar aspectos corporais específicos, como o aumento de massa na região do quadril e do glúteo, aspectos reconhecidamente femininos que dão maior suporte a seu reconhecimento social no gênero feminino.

Um dos achados mais relevantes da pesquisa foi a constatação da transfobia dentro dos esportes e outras atividades físicas, como também em espaços especializados que oferecem essas práticas. Esse dado nos leva a reflexão de como essas atividades e esses espaços são generificados, considerado apenas a versão da heteronormatividade para masculinidades e feminilidades.

Considerando essa relação entre a procura por atividades físicas e a transfobia sofrida durante essas práticas, cabe uma reflexão por parte dos profissionais da área sobre a sua conduta frente às novas perspectivas de

masculinidades e feminilidades, levando em conta a liberdade de expressão e o respeito as singularidades de cada um.

Concluimos essa dissertação com o intuito de alertar aos profissionais e pesquisadores da Educação Física para que eles não se isentem da responsabilidade social e cultural de respeitar pessoas que buscam produzir seus corpos perturbando a ordem social vigente por meio de suas opções de gêneros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. “Homens Trans”: Novos Matizes na Aquarela das Masculinidades?. **Estudos Feministas**. Florianópolis. V. 20, n.2, p.513-523, 2012.

ÁRAN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora**. Rio de Janeiro, v.9, n.1,p.49-63, jan./jun. 2006.

ARÁN, M.; MURTA, D. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v.19, n. 1, p.15-41, 2009.

ARÁN, M. ; ZAIHAFI, S. ; MURTA, D. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.20, n.1, p. 70-79, jan./abr. 2008.

ARÁN, M.; MURTA, D.; LIONÇO, T. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n.4, p. 1141-1149, jul./ago. 2009.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. “Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina”. In: **FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADE, DESLOCAMENTOS**, 23 a 26 de agosto de 2010, Florianópolis.

Disponível

em:<http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278255349_ARQUIVO_Maria,MariaJoao,Joao040721010.pdf>. Acesso em: 20.ago. 2011.

BARBOSA, B. C. “Doidas e putas”: usos das categorias travesti e transexual. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.14, p. 352-379, ago. 2013.

BECKER, H. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BENTO, B. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n.10, p. 2655-2664, out., 2012.

_____.O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. **Florestan**. ano 01, n.2, p. 46-66, nov. 2014.

_____. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 2º ed. Natal: EDUFRN, 2014.

BENTO, B.; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Porto Alegre,v.20, n.2, p.569-581, mai./ago.2012.

BICUDO, M. A. V. **Pesquisa qualitativa e pesquisa qualitativa segundo a abordagem fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.

BORBA, R. Sobre os obstáculos discursivos para a atenção integral e humanizada à saúde de pessoas transexuais. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 17, p.66-97, mai./ago. 2014.

BRASIL. Portaria Nº 2.227/GM, de 14 de outubro de 2004. Dispõe sobre a criação do Comitê Técnico para a formulação de proposta da política nacional de saúde da população de gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais - GLTB. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 14 out. 2004b. Seção II, p. 24

CHAVES, P.N; ARAÚJO, A.C.de. Pensando o corpo travestido e transexualizado no esporte: uma análise da película Beautiful Boxer. **Motrivivência**.v.7, n. 45, p. 219-229, set. 2015.

CARRARA, S. Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo. **Bagoas**, Natal, v.4, n.5, p. 131-147, 2010.

CARVALHO, M.; CARRARA, S. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. **Sexualidad, Salud Y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.14, p. 319-351, ago. 2013.

CARVALHO, M. F. de L. A (im)possível pureza: medicalização e militância na experiência de travestis e transexuais. **Sexualidad, Salud Y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.8, p. 36-62, ago. 2011.

CASTELL, P-H. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.21, n.41, p.77-111, 2001.

CAVANAGH, S. L.; SYKES, H. Cuerpos transexuales en las Olimpadas: las politicas del Comité Internacional Olímpico em relación com l@s atletas transexuales em los juegos de Verano, Atenas 2004. **Debate Feminista**, v.39, p. 40-74, abr. 2009.

ELIAS, V.de A.O corpo além do corpo: os reflexos da (im) possibilidade. **Epistemo-Somática**, Belo Horizonte, v.IV, n. 1, p. 119-136, jan./jul., 2007.

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas**, Natal, v.3 n.4, p.131-158, 2009.

FOUCAULT . Michel. **Microfísica do poder**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Leya, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

FURTADO, R. P. Do fitness ao wellness: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Pensar a prática**, v. 12, n. 1, 2009. Disponível em: <http://boletimef.org/biblioteca/2490/artigo/boletimef.org_do-fitness-ao-wellnes-desenvolvimento-das-academias-de-ginastica.pdf>

FRANCO, T. et al. Transgenitalização masculino/feminino: experiência do Hospital Universitário da UFRJ. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, Rio de Janeiro, v. 37, n.6, p. 426- 434, nov./dez., 2010.

FREIRE, E. C. et al. A clínica em movimento na saúde de TTTS: caminho para materialização do SUS entre travestis, transexuais e transgêneros. **Saúde em Debate [online]**, Rio de Janeiro, V.37, n.98, jul./set. 2013.

GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GIL, J.M.S.; et al. **Pesquisa qualitativa na Educação Física - Alternativas Metodológicas**. 3 ed. MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS. A. S. (org). Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

GIONGO, C. R.; MENEGOTTO, L. M. O.; PETTERS, Simone. Travestis e Transexuais Profissionais do Sexo: Implicações da Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, n.4, p. 1000-1013, 2012.

GOELLNER, S.V.; FIGUEIRA, M. L. M. CORPO E GÊNERO: a revista capricho e a produção de corpos femininos. **Motrivivência**, ano XIII, n. 19, dez. 2002.

GOETZ, E. R.; CAMARGO, B. V.; BERTOLDO, R. B.; JUSTO, A. M. Representação social do corpo na mídia impressa. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n.2, p.226-236, 2008.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 395-411, jan./mar., 2014.

GRESPLAN, C.L.; GOELLNER, S.V. Fallonfox: um corpo queer no octógono. **Movimento**. Porto Alegre, v.20, n.4, p. 1265-1282, out./dez. 2014 a.

GRESPLAN, C.L.; GOELLNER, S.V. As Mulheres no octógono: esportes e atravessamentos de fronteiras. In: **VII CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**, 25 a 27 de setembro de 2014 b. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/viewFile/5940/3236>. Acesso em: 14. Nov.2016.

JESUS, J. G. de. Alegria momentânea: paradas do orgulho de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 6, n.1, p. 54-70, jan./jun., 2013.

LANDA, M.I. Os corpos da liderança: As tramas da ficção do dispositivo cultural do fitness. **Cad. Cedes**, Campinas, v.32, n.87, p. 223-233, mai.-ago. 2012.

LE BRETON, D. **Adeus ao Corpo**. 6.Ed. São Paulo: Papius, 2013.

LESSA, P.; VOTRE, S. J. Carteira rosa: a tecnofabricação dos corpos sexuados nos testes de feminilidade na olímpiada de 1968. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.35, n.2, p. 263-279, abr./jun. 2013.

LIMA, F. Biotecnologias, modos de subjetivação e práticas de si nos processos de hormonização entre homens transexuais. In: **29º Reunião Brasileira de Antropologia**, 03 a 06 de agosto de 2014, Natal. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/trabalho/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czoZNToiYToxOntzOjExOiJJRF9UUKFCQUxITyl7czoZOiIxNTAiO30iO3M6MT0iaCI7czoZMjoiMWM0ZTImMWQ4Y2I3ODBiMTFiMDUxMDA0ZTIhY2FmZjliO30%3D&impressao>. Acesso em: 30.jul. 2016.

LIONÇO, T. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios*. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n.1, p. 43-63, 2009.

_____. Que Direito à Saúde para a População GLBT? Considerando Direitos Humanos, Sexuais e Reprodutivos em Busca da Integralidade e da Equidade. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n.2, p.11-21, abr./jun. 2008.

MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. [Tradução: Fernanda Abreu] In: GOLDENBERG, M. (org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, p.79-137, 2007.

MATÃO, M. E. L. et al. Representações sociais da transexualidade: perspectiva dos acadêmicos de enfermagem e medicina. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Bahia, v.34, n.1, p. 101-118, jan./mar., 2010.

MAUSS, M. **As técnicas corporais. Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MELLO, L. et al. Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. **Sexualidad, Salud Y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.9, p. 7-28, dez. 2011.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.8, n.2, p.9-41, 2000.

NOLETO, R. S. "Brilham estrelas de São João!": notas sobre os concursos de "Miss Caipira Gay" e "Miss Caipira Mix" em Belém (PA). **Sexualidade, Salud Y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.18, p. 74-110, dez. 2014.

NOVAES, V.J. **Com que corpo eu vou? : sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares**. 1.Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

NUNES, T. M.; SARAIVA, M.C. A identidade de gênero (feminilidades e masculinidades) na mídia e nas práticas corporais: produção científica em revistas da educação física brasileira de 2000 a 2008. In: FAZENDO GÊNERO:

DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 9.,2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: 2010.

OLIVEIRA, R. C.; VELOZO, E. L.; SILVA, C. L. Cultura, atuação profissional em educação física e as práticas corporais. **Impulso**, v. 26, n. 66, p. 7-19, 2016.

PERELSON, S. Transexualismo: Uma questão do nosso tempo e para o nosso tempo. **Epos**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 1-19, jul./dez. 2011.

PERES,W. S.; TOLEDO, L. G. Dissidências Existenciais de Gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v.11, n.22, p. 261-277, dez. 2011.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v.10, n.1, p.193-198, jan./jul. 2011.

PITANGA, F.J.G. Epidemiologia, atividade física e saúde. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.** Brasília, v.10, n. 3, p.49-54, Jul, 2002.

REGO, F.C.V.S.do. Hipertrofia Muscular como expressão da masculinidade entre homens transexuais: Masculinidade e ética antropológica. **In: 29° Reunião Brasileira de Antropologia**, 03 a 06 de agosto de 2014, Natal. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/trabalho/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czoNTToiYT0xOntzOjExOiJJRF9UUkFCQUxITyI7czoZOilxNTAiO30iO3M6MT0iaCI7czoMjoiMWM0ZTImMWQ4Y2I3ODBiMTFiMDUxMDA0ZTIhY2FmZjliO30%3D&impressao>. Acesso em: 30.jul. 2016.

REGO, F.C.V.S.do. Hipertrofia Muscular como Tecnologia de Gênero na produção de masculinidades entre Homens Transexuais. **In: 38° Encontro Anual da ANPOCS**, 26 a 30 de outubro de 2015. Caxambu. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=9357&Itemid=461>. Acesso em: 30. Jul.2016.

RINALDI, D. O corpo estranho*. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v.14, n.3, p. 440-451, set. 2011.

RODRIGUES, C.; HEILBORN, M. L. Construindo Vera Cruz e desconstruindo gênero: aproximações entre Pedro Almodóvar e Judith Butler. **Sexualidade, Salud Y Sociedad**, Rio de Janeiro, n.16 , p. 73-85, abr. 2014.

SAMPAIO, L. L. P. ; COELHO, M. T. Á. D. Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 16, n.42, p. 637-649, jul./set. 2012.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p.83-89, jan./fev. 2007.

SANTOS, P. R. dos. Tensões e desafios: LGBTs e o poder público? **Revista de Psicologia da UNESP**. São Paulo, v.9, n.2, p. 147-164, 2010.

- SILVA, A. L. da; OLIVEIRA, A. A. S. de. Transexualidade/ travestilidade na literatura brasileira: sentidos e significados. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n.2, p. 274-287, 2013.
- SILVA, M. M. e; CÉSAR, M. R. A. Refletindo sobre os “problemas de gênero” no Brasil: contribuições para a pesquisa em Educação Física. **Educación Física y Ciencia**, Universidad Nacional de La Plata, Argentina, vol. 16, n. 2, dez. 2014.
- SIMON, H. S.; FRANCISCHI, V. G.; MORETTI-PIRES, R. O. Pesquisa Fenomenológica. In: SARAY, G.D.; MORETTI-PIRES, R. O. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa quantitativa aplicada à Educação Física**. Florianópolis, SC: Ed. Tribo da Ilha, p. 69-79, 2011.
- SOARES, M. et al. O apoio da rede social a transexuais femininas. **Paidéia**, v.21, n.48, p. 83-92, jan./abr. 2011.
- TAHARA, A.K.; SCHWARTZ, G.M.; SILVA,K.A. Aderência e manutenção da prática de exercícios em academias. **R. bras. Ci. e Mov.** Brasília, v.11, n.4, p. 7-12, out./dez., 2003.
- TEIXEIRA, M. C. Mudar de sexo: uma prerrogativa transexualista. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 12, n.19, p.66-79, jun., 2006.
- TEIXEIRA, F.L.S.; CAMINHA, I.O. A supervitalidade como forma de poder: um olhar a partir das academias de ginástica. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 201-218, jun. 2010. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/12295>>. Acesso em: 13 dez. 2016.
- VENTURA, M.; SCHRAMM, F. R. Limites e possibilidades do exercício da autonomia nas práticas terapêuticas de modificação corporal e alteração da identidade sexual. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n.1, p. 65-93, 2009.
- SOUSA, E.S.S; VIANA, A.J.B.; VALE, J. M.do. Os homens trans e a corporeidade: o complexo fenômeno da busca do sujeito social masculino.In: Brasil. Ministério da Saúde. **Transexualidade e Travestilidade na Saúde**. Brasília.p. 11-127. 2015.

ANEXOS

ANEXO A – CERTIDÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

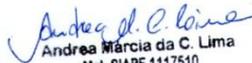


UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 1ª Reunião realizada no dia 18/02/2016, o Projeto de pesquisa intitulado: **“PRÁTICAS CORPORAIS E TRANSEXUALIDADE: ESTUDO DE HOMENS E MULHERES TRANS”**, da pesquisadora Jéssica Leite Serrano. Prot. nº 0598/15. CAAE: 50755715.7.0000.5188.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à apresentação do resumo do estudo proposto à apreciação do Comitê.


Andrea Márcia da C. Lima
Mat. SIAPE 1117510
Secretária do CEP-CCS-UFPB

APÊNDICES

APÊNCIE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPB

Roteiro de entrevista para pesquisa de dissertação.

“Práticas corporais e transexualidade: estudo de homens e mulheres trans”

- 1- Descreva o corpo que você tem ou tinha e o corpo que você quer ter.
- 2-O que você fez/faz, ou quer fazer para realizar mudanças no seu corpo?
- 3-Qual a prática corporal que você realiza/realizou e por quê?
- 4-Qual a relação que você faz entre as práticas corporais realizadas ou já realizadas e a sua vontade de mudar o seu corpo para alcançar o corpo que você quer ter?

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO DE PERFIL SOCIOECONÔMICO

Nome Social	
Idade	
Naturalidade	
Sexo de Nascimento	
Identidade de Gênero	
Relacionamento	
Escolaridade	
Profissão	

APÊNDICE C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre as Práticas Corporais em homens e mulheres trans e está sendo desenvolvida por Jéssica Leite Serrano, aluna do Programa Associado de Pós Graduação em Educação Física UPE/UFPB, sob a orientação do Professor Iraquitan Caminha.

O objetivo geral do estudo é compreender o uso das práticas corporais por homens e mulheres trans no processo de mudanças corporais. Os objetivos específicos são: analisar os usos das práticas corporais no processo de mudanças corporais de homens e mulheres trans e analisar a satisfação corporal após essas mudanças.

A finalidade deste trabalho é compreender como as práticas corporais se fazem presentes no processo de mudanças corporais dos homens e da mulheres trans, bem como os sentidos e significados dessas práticas corporais nesse processo.

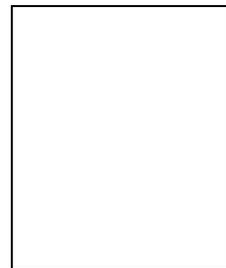
Solicitamos a sua colaboração na entrevista, no questionário de perfil socioeconômico e na observação participante, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece risco para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal



OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)

Espaço para impressão

Assinatura da Testemunha

Contato com o Pesquisador Responsável: (83) 986807420

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Jéssica Leite Serrano (83) 986807420.

Endereço (setor de trabalho): Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências da Saúde- Campus I, Departamento de Educação Física. Campus I- Cidade Universitária/ Castelo Branco. Cep: 58059-900- João Pessoa, PB- Brasil. Tel: 3216-7030 E-mail: coordenacaoupeufpb.@gmail.com

Telefone: (83) (83) 986807420 E-mail: jessica_jp4@hotmail.com

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I

Bloco Arnaldo Tavares, sala 812 – Fone: (83) 3216-7791- E-mail:
eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

APÊNDICE D- COMPROVANTE DE SUBMISSÃO DO ARTIGO DE REVISÃO SISTEMÁTICA A REVISTA MOVIMENTO



Capa > Usuário > Autor > **Submissões Ativas**

Submissões Ativas

ATIVO ARQUIVO

ID	MM-DD ENVIADO	SEÇÃO	AUTORES	TÍTULO	SITUAÇÃO
64857	19-05	EN	Serrano, Caminha, Gomes	TRANSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA REVISÃO...	EM AVALIAÇÃO

1 a 1 de 1 itens

Iniciar nova submissão
 CLIQUE AQUI para iniciar os cinco passos do processo de submissão.